

GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

GRUPO 1 - SALA 16 - Prédio 16B Centro de Educação

MEDIADORAS: Rejane e Sabrina

O grupo Narrativas e Formação propõe-se a reunir investigadoras(es) que apresentem reflexões no campo da formação inicial e continuada em diferentes níveis, considerando as narrativas como importante elemento para a constituição dos saberes e práticas docentes.

1. IMAGINÁRIOS SOBRE A DOCÊNCIA MASCULINA EM TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PELOTAS – RS.

Lucas Bezerra Furtado.

2. IMAGINÁRIOS E DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE: PROVOCAÇÕES POSSÍVEIS.

Sabrina Copetti da Costa.

3. A POSTURA DOCENTE E A PALHAÇARIA - PENSANDO RUPTURAS.

Luis Gustavo Paroli Chiappa.

4. TRAVESSIAS DAS INFÂNCIAS E CORREIO DO AFETO: APROXIMAÇÕES E HISTÓRIAS ENTRE MÃES E CRIANÇAS.

Natieli Fernandes da Silva; Paula Karine Dolovitsch Lambrecht

5. SEMPRE SOUBE QUE GOSTARIA DE SER PROFESSORA?!

Paula Karine Dolovitsch Lambrecht

6. CORPO EM CENA, CORPO QUE ENSINA: UM OLHAR PARA O PROFESSOR(A) ARTISTA.

Rebeca Pereira San Martins

7. CAMINHAR É PRECISO: EVENTOS E ENCONTROS.

Rejane Zanini

8. TRAVESSIAS E (AUTO)FORMAÇÃO NO COTIDIANO DOCENTE.

Taiane Canfild Veiga

9. CONHECIMENTO: UMA VIAGEM ININTERRUPTA

Vanessa Amorim Fontela; Angela Mara da Rosa D'Ávila.

10. VIOLÊNCIA ESCOLAR PROTAGONIZADA POR PROFESSORES: CHAMADO À SENSIBILIZAÇÃO DOCENTE.

Tiberius Cesar Galhardo de Vasconcellos



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

IMAGINÁRIOS SOBRE A DOCÊNCIA MASCULINA EM TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE PELOTAS – RS

Eixo: Narrativas e Formação de Professores

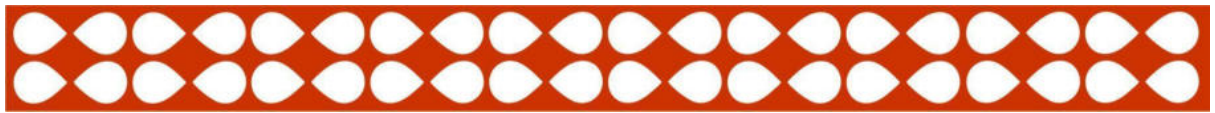
Lucas Bezerra Furtado

*Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE/UFPel)
lucasbfurtado.lb@gmail.com*

Andrisa Kemel Zanella

*Universidade Federal de Pelotas, Programa de Pós-Graduação em Educação
(PPGE/UFPel)
andrisa.kemel@ufpel.edu.br*

A presente proposta visa contribuir com as reflexões interpostas pela pesquisa provisoriamente intitulada “**A DOCÊNCIA MASCULINA EM TEATRO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**: uma análise através do imaginário e das narrativas (auto)biográficas de homens professores no município de Pelotas – RS” desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPel). A investigação percorre um trajeto que se inicia no anteprojeto, que possuía ênfase na atuação do discente como **professor-personagem grotesco MC Gardenal**, construído a partir de sua própria narrativa de vida. No decorrer das orientações, notou-se que o próprio fazer docente masculino possui um viés grotesco crítico (Sodré; Paiva, 2002), uma vez que vai contra a predominância feminina de profissionais na área do ensino – **manifestada no percentual de 79%** de acordo com o Censo Escolar 2022. Assim, passou-se a investigar este campo, com foco para o **teatro na Educação Infantil**, já que com a lei nº 13.278/2016, o teatro, juntamente com as demais linguagens artísticas (dança, música e artes visuais) constituem o componente curricular Arte, prevendo concurso para ingresso de licenciados especializados para atuarem na escola. Desta maneira, o objetivo da pesquisa direcionou-se **a visibilizar o imaginário** (Durand, 2002; Pitta, 2016; Peres, 1999) sobre “**ser professor de teatro**”



para crianças pequenas, a partir das **narrativas de vida de professores** (Josso, 2004) formados em Curso de Teatro Licenciatura, atuantes na rede pública do município de Pelotas/RS, **tecendo as representações simbólicas sobre docência e masculinidade na Educação Infantil**. Tendo em vista este cenário, o que propomos pensar é: **o que as narrativas de vida de professores homens têm para revelar sobre as representações simbólicas da docência masculina em teatro na Educação Infantil? De que maneira seus trajetos antropológicos, principalmente suas memórias da infância, repercutem em suas atuações docentes atualmente?**

Referências

- SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. RJ, Mauad, 2002.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. (159 f.). 1999. (Tese de Doutorado em Educação) – UFRGS, Porto Alegre.
- PITTA, D. P. R.. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Imaginários e desenvolvimento profissional docente: provocações possíveis

Eixo: Narrativas e Formação de Professores

Sabrina Copetti da Costa
copettidacostasabrina@gmail.com

Pode o cinema provocar a docência? Que aprendizagens e desaprendizagens poderiam resultar do encontro entre uma das profissões mais antigas do mundo e uma arte bastante recente e fortemente marcada por inovações tecnológicas? Ao encontrar a docência, a sétima arte é capaz de provocar os imaginários sobre escola, aluno, criança, educação e formação? Inserida no Programa de Pós-Graduação em Educação e tendo como principal referencial teórico a Teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis, foi realizada uma dissertação de mestrado objetivando uma aproximação **aos imaginários** de três professoras por meio de narrativas orais e fílmicas. Buscou-se compreender se a participação em projetos de cinema do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social da Universidade Federal de Santa Maria **poderia provocar movimentos instituintes em suas docências**. Participaram da pesquisa-formação (JOSSO, 2010) três professoras e foram realizadas cinco Rodas de Conversa inspiradas na metodologia Roda e Registro (WARCHAUER, 2007), bem como um momento de criação a partir de um exercício fílmico chamado Minuto Alice Guy-Blaché. Partia-se da hipótese inicial de que **todas as professoras realizavam diversos exercícios fílmicos com seus estudantes**; contudo, apenas uma delas os desenvolvia. Ainda que isso não tenha se confirmado, **todas relataram docências transformadas pelas experiências estéticas vivenciadas com a sétima arte**. Sendo assim, gostaria de propor uma Roda de conversa sobre as possibilidades do cinema como dispositivo formativo na docência. **Ouvir primeiramente as significações do grupo que participará do eixo “Narrativas e Formação de Professoras” e depois compartilhar um pouco da experiência vivida nesta pesquisa de mestrado para levantar algumas provocações sobre a potência do cinema para o desenvolvimento profissional docente.**

Palavras-chave: cinema; imaginário; desenvolvimento profissional docente.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

A POSTURA DOCENTE E A PALHAÇARIA - PENSANDO RUPTURAS

Eixo: GT2 - Narrativas e Formação de Professores

*Luis Gustavo Paroli Chiappa
Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da
UFSM; Professor na Rede Estadual de Ensino
parolichiappa@gmail.com*

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado que tem como objetivo levantar benefícios e desafios encontrados na prática docente de um professor que ocasiona o riso com/em seus estudantes. Na pesquisa como um todo, a palhaçaria foi escolhida como linguagem artística, guiando histórica e epistemologicamente o percurso cômico até adentrar a sala de aula e aproximar a comicidade clownesca com a postura docente. **A comédia é entendida como uma ruptura de padrões inicialmente impostos.** Estas imposições tendem a ser reproduzidas de maneira inconsciente pelos sujeitos que constroem os espaços sociais e na escola não seria diferente. Este trabalho defende que **ocasionar o riso presume um exercício de escuta.** Essa escuta se mostra atenta às posturas, olhares, expressões, palavras e até nos silêncios que possam existir dentro de um contexto mais tradicional de uma sala de aula. Essa escuta e esse e riso nos convocam a pensarmos sobre nossa prática docente, não apenas receando os desafios educacionais gerados pelo riso - uma vez que toda sala de aula apresenta estes - mas a considerar os benefícios que **o riso** pode trazer para o espaço da sala de aula e o convívio escolar como um todo. Esse trabalho conclui que, mesmo que reconhecendo a validade e a funcionalidade do espaço tradicional de ensino, é possível valorizar os benefícios e diferenciais existentes nesse **modo de ser docente e risonho**, que surge à nível pessoal, passa pelas relações interpessoais e expande-se, ao cruzar os muros da escola em gargalhadas.

Palavras-chave: riso, educação, palhaçaria



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

TRAVESSIAS DAS INFÂNCIAS E CORREIO DO AFETO: APROXIMAÇÕES E HISTÓRIAS ENTRE MÃES E CRIANÇAS

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Natieli Fernandes da Silva
Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Educação Especial
natyy-yy@hotmail.com

Paula Karine Dolovitsch Lambrecht
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação
paula.lambrecht@acad.ufsm.br

Graziela Escandiel de Lima
Orientadora

Neste trabalho, apresentamos o projeto de extensão *TRAVESSIAS DAS INFÂNCIAS: acompanhamento da vida familiar e escolar de crianças em situação de vulnerabilidade*, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e ao Grupo TRAVESSIAS: Cotidiano, Infância e Docência. O projeto compõe as ações do Observatório de Direitos Humanos (ODH/UFSM) e objetiva, principalmente, estabelecer relações de convívio e escuta com crianças que vivem as experiências da infância em situações de vulnerabilidade. Como público-alvo destacam-se: crianças filhas de mães em situação de privação de liberdade. A metodologia do projeto está pautada em ações como rodas de conversa, acompanhamento escolar e oficinas com foco na escuta e na construção de vínculos afetivos. Nesse contexto, uma das ações desenvolvidas é o Correio do Afeto, que busca criar um espaço simbólico e afetivo tendo em vista que as crianças podem expressar seus sentimentos e vivências por meio da escrita e desenhos. A proposta consiste em disponibilizar uma caixa decorada em local acessível, onde as crianças depositam cartas, bilhetes ou mensagens, dirigidas a suas mães, colegas, professores e comunidade escolar. A ação é uma ferramenta potente para estimular a expressão emocional, o fortalecimento de vínculos familiares e o sentimento de pertencimento ao espaço escolar. É possível observar como essa iniciativa contribui para valorizar as histórias de vida das crianças e fortalecer uma cultura do cuidado, tão essencial em contextos de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Afeto, Escuta, Vínculos.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

SEMPRE SOUBE QUE GOSTARIA DE SER PROFESSORA?!

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Paula Karine Dolovitsch Lambrecht
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação
paula.lambrecht@acad.ufsm.br

Graziela Escandiel de Lima
Orientadora

Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM), na linha de pesquisa 1: docência, saberes e desenvolvimento profissional. Na mencionada pesquisa, objetivou-se compreender quais contribuições o Curso de Pedagogia Licenciatura Plena Diurno da UFSM tem dado à formação de professoras(es) para a especificidade da docência na Educação Infantil. A pesquisa, de abordagem qualitativa, teve como dinâmica metodológica as Cartas Pedagógicas, as quais compõem a escrita da dissertação e, foram a escolha para o diálogo com as(o) sujeitos participantes da pesquisa, que foram 3 (três) egressas e 1 (um) egresso dos últimos 5 (cinco) anos do curso em questão. Para olhar/interpretar as cartas e seus significados, teve-se apoio na **Análise de Prosa**. As cartas elucidaram para um grande tema: as narrativas de trajetórias de vida, de formação e da docência na Educação Infantil, seguido de cinco tópicos de análise. Para esta escrita, optou-se por apresentar o terceiro tópico: **“sempre soube que gostaria de ser professora”** (trecho de uma carta recebida) e, foi escolhido, por revelar um tanto das memórias, narrativas e histórias de vida, como importantes elementos de escolha da profissão e da constituição de valores, saberes e práticas docentes. Nas cartas das três egressas, o desejo de ser professora foi desde a infância, muito relacionado com boas experiências em suas “primeiras escolas” e com seus(suas) “primeiros(as) professores(as)”. Já na carta recebida do egresso, a identificação com a profissão ocorreu já no curso de Pedagogia - mesmo não sendo a primeira opção de curso ao ingressar na UFSM - e evidencia os conhecimentos mobilizados durante o curso e que, **o fizeram escolher por uma forma de ser professor: sempre iniciante**.

Palavras-chave: Educação Infantil; Formação de professores; Narrativas de si.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

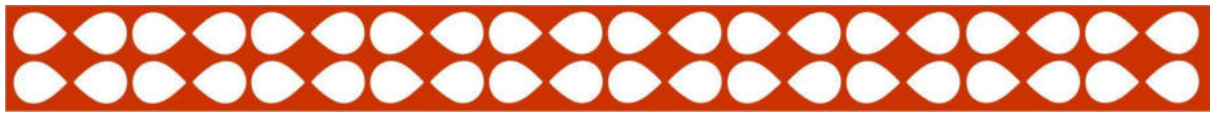
CORPO EM CENA, CORPO QUE ENSINA: UM OLHAR PARA O PROFESSOR(A) ARTISTA

Eixo: Narrativas e Formação de Professores

*Rebeca Pereira San Martins
UFPel, Doutorado em Educação
E-mail: becasanmartins@gmail.com*

*Profª. Drª Maristani Polidori Zamperetti
UFPel, Programa de Pós-Graduação em Educação
E-mail: maristaniz@hotmail.com*

A presente escrita descreve a proposta teórico-metodológica de uma pesquisa em desenvolvimento no doutorado em Educação na Universidade Federal de Pelotas. A investigação tem como foco o corpo do(a) professor(a)-artista no campo da educação, compreendido como meio expressivo, simbólico e político. O estudo ancora-se em uma abordagem qualitativa com inspiração hermenêutica, voltando-se para a experiência dos sujeitos e para a escuta sensível de seus modos de ser e atuar na docência. Toma-se como principal referência teórica Le Breton (2012), que compreende o corpo como estrutura simbólica e cultural. A noção de professoralidade é central e se articula à proposta de Pereira (2013), entendida como um processo de devir e existência singular no campo docente. A metodologia propõe quatro etapas: mapeamento e seleção dos colaboradores, entrevistas individuais, observações em contexto formativo e encontros finais de devolutiva e escuta coletiva. O público-alvo são professores(as)-artistas atuantes no ensino superior na área da Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas. **O estudo buscará compreender como as vivências artísticas repercutem na prática docente e nas expressões corporais desses sujeitos.** O referencial hermenêutico, especialmente a partir de Gadamer (1999), sustenta a análise como um processo dialógico e aberto à alteridade, permitindo a interpretação das expressões corporais, verbais e imagéticas dos participantes. A análise considerará **o corpo como produtor de sentidos, a professoralidade como processo, as expressões performativas, as ressonâncias entre fala e gesto e a experiência como narrativa incorporada.** O intuito é construir um saber em coautoria com os sujeitos, **compreendendo a complexidade do corpo docente no espaço formativo.**



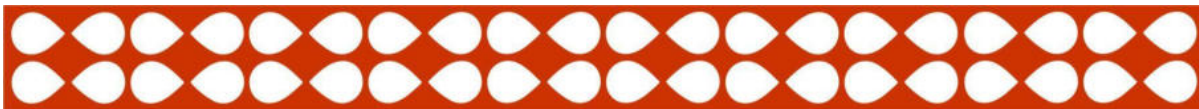
Palavras-chave: professoralidade; corpo-artista; hermenêutica.

Referências:

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

LE BRETON, David. A sociologia do corpo. Petrópolis: Vozes, 2012.

PEREIRA, Marcos Villela. Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: EdUFSM, 2016.



CAMINHAR É PRECISO: EVENTOS E ENCONTROS.

Rejane Zanini

PPGE - UFSM

rejane.zanini@acad.ufsm.br

Resumo

Esta escrita compõe a tese de doutorado intitulada *Narrativas (auto)biográficas e significações imaginárias de professoras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha: formação estética em foco*, desenvolvida no PPGE - UFSM, de 2021 a 2025. A tese. Lugar de encontros, desencontros e reencontros. Mestres autores, colegas, amigos, conceitos, imagens. Um cosmos. Constitui um pós-texto escrito sob a perspectiva de narrar o contexto do processo de sua construção, sentimentos e significados construídos a partir da relação da autora com o mundo e com o texto. Muitos eventos perpassaram esse tempo: a pandemia Covid-19, que nos assolou, nos isolou e intimidou em escala global; a caminhada rumo ao infinito do Telescópio James Webb, em um caminhar para si que desvende a origem de tudo; o evento extremo da enchente de maio de 2024 que submergiu o Rio Grande do Sul, seu patrimônio, suas terras, sua fauna e sua gente. Os incêndios, que na sequência tornaram os céus do Brasil em cinza e fuligem. Esses eventos apontam para a necessidade de se repensar o nosso ser e estar no planeta e a urgência de se modificar o olhar e instaurar uma nova educação. Como formato, optou-se a uma aproximação ao gênero argumento cinematográfico¹. Teoricamente, comparecem autores como Josso (2020), com as Narrativas (Auto)biográficas como possibilidade de escrita autoral, o Imaginário Social, que compreende o ser humano a partir de sua capacidade criadora e instauradora, Kopenawa e Albert (2015), que apresentam o povo da mercadoria, causador do desequilíbrio na terra, entre outros/as. Destaca-se a importância da formação, especialmente a estética, com ênfase na formação do ser sensível. Se há esperança, ela está na educação. Na formação integral. Na arte. No cuidado de si. O importante é seguir. Caminhar é preciso e, em utopia, alcançar outros horizontes.

Palavras-chave: narrativas (auto)biográficas; experiência estética; imaginário social.

¹ Texto corrido como se estivesse sendo contada uma história, com os detalhes que são importantes para a compreensão geral, apresentação dos personagens e as situações que eles enfrentam, justificando-se, assim, a fonte nele usada, Courier New. Extraído de: <https://www.tertulianarrativa.com.br/post/2017/04/19/argumento-quando-a-historia-comeca-a-tomar-forma>. Acesso em: 26 março 2025.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

TRAVESSIAS E (AUTO)FORMAÇÃO NO COTIDIANO DOCENTE

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Taiane Canfil Veiga
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Políticas
Públicas e Gestão Educacional
taiane.veiga@acad.ufsm.br

Graziela Escandiel de Lima
Orientadora

Este trabalho apresenta a dissertação de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria, vinculada à Linha de Pesquisa 2 – Gestão Pedagógica e Contextos Educativos e ao grupo de pesquisa **Travessias**, que estuda infâncias, contextos educativos e políticas públicas para a Educação Infantil. Objetivou-se compreender como a primeira escola do Programa ProInfância, no município de Santa Maria/RS, está se constituindo como uma escola inserida em sua comunidade, com um olhar atento às infâncias. Os dados serão produzidos por meio de rodas de conversa e questionários com as copesquisadoras: professoras, gestoras, famílias e comunidade. A pesquisa emerge da minha trajetória pessoal e profissional, **marcada por rupturas, construções e desconstruções**, nas quais fui me rendendo a novos saberes e fazeres junto à equipe de professoras engajadas em construir uma escola de Educação Infantil que acolhesse todas as infâncias. No início desse percurso, senti-me perdida e pouco confiante, pois minha constituição docente ocorreu na **rede privada**, onde planejava a partir de **uma lógica adultocêntrica**, negando a criança como ser social e cultural e atribuindo a ela um papel passivo, por meio de atividades pouco atrativas e sem reconhecer a importância do brincar. **A partir da experiência de estar junto, de unir-me a outras professoras na construção de uma escola das infâncias**, senti-me desafiada a contar essa história, que não é só minha, mas de todas as pessoas que fizeram e fazem parte dessa trajetória.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência; ProInfância.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

CONHECIMENTO: UMA VIAGEM ININTERRUPTA

Vanessa Amorim Fontela

Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Educação Especial
vanessa.fontela@acad.ufsm.br

Angela Mara da Rosa D'Avila

Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Educação Especial
angela.davila@acad.ufsm.br

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação de Educação
tania.miorando@ufsm.br

Iniciar a trajetória acadêmica é adentrar um território desconhecido, pois no começo, tudo parece estranho: **os códigos, os prazos, os espaços, há espera antes do gesto, aos poucos, o estudante aprende a respirar no ritmo da universidade.** Siglas como ACG (Atividade Complementar de Graduação), DCG (Disciplina Complementar de Graduação), estágio e seminários, não são apenas obrigações, mas partes de um processo de formação profunda. São sementes lançadas no solo da experiência, capazes de germinar em sentido e compromisso.

Na formação docente, especialmente na Educação, dois caminhos se destacam: **a pesquisa e o estágio supervisionado**, mais que exigências curriculares, **são uma metamorfose. A pesquisa nos convida ao espanto**, ao questionamento, nos ensina a não aceitar o mundo como ele é, mas a problematizá-lo com ética e esperança. **O estágio, por sua vez, nos leva ao chão da escola**, onde o conhecimento se encarna em realidade viva, ali, aprendemos com os olhares, os silêncios e os gestos que atravessam o cotidiano da escola.

Inspirada por Paulo Freire, compreendo que **educar é um ato amoroso e político.** É construir com o outro possibilidades a todo o momento, é escutar, dialogar, refletir e agir. Em tempos de ataques à educação crítica e de desvalorização da docência, **viver com intensidade essas experiências** é também um ato de resistência.

Formar-se professor não é cumprir etapas, **é transformar-se**, é escolher esperar quando o mundo insiste em desencantar; Pesquisa e estágio não apenas constroem saberes, elas constroem sujeitos que ousam sonhar, resistir e reinventar. **Porque, como nos lembra Freire**, educar é um convite à vida. E é nesse convite que descobrimos que mais do que ensinar, viemos ao mundo para **transformar, com a escuta, o afeto, e principalmente com o compromisso.**

Palavras-chave: Educação crítica, formação docente, pesquisa e estágio.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

VIOLÊNCIA ESCOLAR PROTAGONIZADA POR PROFESSORES: UM CHAMADO À SENSIBILIZAÇÃO DOCENTE

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

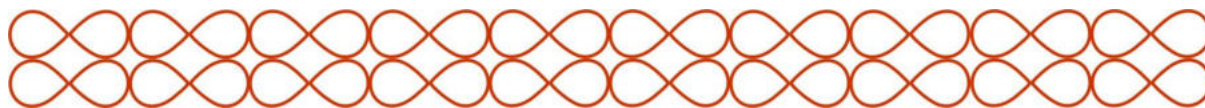
Tiberius Cesar Galhardo de Vasconcellos
Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura Pedagogia
tiberius.vasconcellos@acad.ufsm.br

O tema da violência escolar protagonizada por professores é frequentemente negligenciado nos debates educacionais. Como podemos reconhecer e transformar práticas docentes que, embora sutis, podem ser violentas e prejudiciais aos alunos? A violência simbólica, conceito de Pierre Bourdieu, ajuda a entender como relações de poder dissimuladas afetam o ambiente escolar. Essa violência se manifesta por meio de humilhações verbais, discriminação, autoritarismo, exclusão de alunos vulneráveis e desrespeito às diferenças culturais.

Pesquisas indicam consequências graves: alunos humilhados tendem à evasão escolar, têm baixo desempenho acadêmico e podem desenvolver ansiedade e depressão. Estudos revelam que 47% dos alunos já se sentiram humilhados por professores, e 62% evitam participar das aulas por medo de ridicularização. **A formação insuficiente dos professores**, a reprodução de modelos autoritários e condições de trabalho precárias são raízes desse problema.

Para sensibilizar os docentes, **sugere-se uma autoavaliação crítica**, formação continuada focada em ética e mediação de conflitos, além da criação de espaços de diálogo onde alunos possam expressar seus sentimentos. Um exemplo transformador é o uso de círculos de diálogo **em uma escola municipal**, que reduziu conflitos em sala de aula em 70%.

A discriminação baseada em marcadores sociais, como raça, gênero e classe social, é um aspecto alarmante. A sensibilização requer autorreflexão constante para desconstruir vieses inconscientes. O processo não deve culpar individualmente, mas promover uma reflexão coletiva. Como Paulo Freire nos ensina, "ensinar exige a corporificação das palavras pelo exemplo". **Portanto, como podemos comprometer-nos a construir ambientes educacionais onde a dignidade de todos seja respeitada?**



GT 2 - NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRUPO 2 - SALA 19 Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORES: Guacira e Diko

O grupo Narrativas e Formação propõe-se a reunir investigadoras(es) que apresentem reflexões no campo da formação inicial e continuada em diferentes níveis, considerando as narrativas como importante elemento para a constituição dos saberes e práticas docentes.

1.O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL A PARTIR DE PAINEIS SENSORIAIS

Marisa Dal Ongaro; Graziela Escandiel de Lima

2.FORMAÇÃO CONTINUADA EM ARTE EDUCAÇÃO POR MEIO DOS AFETOS

Mariete Taschetto Uberti; Lutiere Dalla Valle

3.POR UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS: A EJA COMO MEIO DE VALORIZAÇÃO DE NARRATIVAS E PERTENCIMENTO SOCIAL

Maria Luiza Lopes Machado; Tania Micheline Miorando

4.A FANTÁSTICA BIBLIOTECA DA TURMA CARAMBOLA: AS POSSIBILIDADES DE UM PROJETO DE EXPLORAÇÃO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Laura Schmidt Rossi; Graziela Escandiel de Lima

5.FATIAS DE VIDA, FATIAS DE CUCA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO SENSÍVEL

Maria Eduarda Rubert Soares; Adriana Moreira da Rocha-Veiga

6.ALÉM DO TERRENO: APORTES DE OUTRAS DISCIPLINAS E TERRITÓRIOS

María del Rosario Pellegrino; Ginia Bontempo

7.ENTRE A EVASÃO E A PERMANÊNCIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Maria de Lourdes Severo Regio; Liliane Gontan Timm Della Mea; Tânia Micheline Miorando

8.REMETÊNCIAS, ESCRITAS E RESISTÊNCIAS: EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE CAFETINAGEM DO PENSAMENTO

Marcela Bautista Nuñez; Marilda Oliveira de Oliveira

9. NARRAR PARA (RE)EXISTIR NA DOCÊNCIA: ESCUTAR E PER(FORMAR)

Letícia Beatriz Utzig; Douglas Vicente Leopold; Tânia Micheline Miorando

10.VOZ, VEZ E VIDA: O GEPEIS NA NOSSA FORMAÇÃO DOCENTE

Guacira de Azambuja; Glaucimara Pires Oliveira

11.ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA NA INFÂNCIA, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA METODOLOGIA MAIS HUMANA E INCLUSIVA

Josiane da Silveira Roepke; Lorena Inês Peterini Marquezan



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL A PARTIR DE PAINEIS SENSORIAIS

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Marisa Dal Ongaro
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação
marisa.dal@acad.ufsm.br

Graziela Escandiel de Lima
Orientadora

Este trabalho é um relato de experiência do projeto desenvolvido na Escola Municipal de Educação Infantil Paraíso da Criança, localizada no município de Agudo-RS. O referido projeto surge da necessidade de criar um espaço voltado aos bebês na pracinha da escola, devido ao aumento do número de crianças e a pouca disponibilidade ou ausência de brinquedos específicos para essa faixa etária. Assim, buscamos disponibilizar para as crianças materiais pedagógicos diferenciados a fim de motivar a exploração lúdica e através da brincadeira construir uma aprendizagem significativa trabalhando a coordenação motora fina, percepção sensorial (visão, tato, audição) e óculo manual. Dessa forma, pensamos na compra de objetos e brinquedos, para compor o painel. Este teve como base palets de madeira onde foram fixados forrinhos de PVC e posteriormente os produtos adquiridos. Os mesmos foram fixados no muro da pracinha. Cabe ressaltar que todos os objetos são materiais diferenciados com texturas e temperaturas que possibilitam uma exploração qualitativa. Dessa forma utilizamos torneiras, sino, mola, spinner, etc. Tivemos como objetivo principal a estimulação/exploração sensorial, o desenvolvimento cognitivo e a diversão dos bebês, através de experiências práticas relacionadas ao painel sensorial. Utilizando esses painéis, ofertamos possibilidades de orientar o alcance e a preensão juntamente com o uso da propriocepção das mãos para guiar os olhos, uma modalidade de integração multisensorial, contribuindo para o desenvolvimento cognitivo. Essa proposta visa o enriquecimento do ambiente de aprendizagem das crianças e possui como base teórica Malaguzzi (1993), especialmente no entendimento do espaço como um terceiro educador. Nossa metodologia seguiu as quatro etapas distintas e complementares: Aquisição dos materiais, confecção do painel, apresentação e livre exploração dos recursos e rodízio de turmas para exploração. Esses painéis permitiram um maior interesse e envolvimento das crianças ao explorarem a pracinha e para nossa surpresa atraiu todas as faixas etárias da Instituição.

Palavras-chave: Espaço, Painéis sensoriais, Exploração.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Formação continuada em arte educação por meio dos afetos

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Mariete Taschetto Uberti
*Universidade Federal de Santa Maria/RS, do Programa de Pós-Graduação em
Educação/PPGE
mariete.uberti@gmail.com*

Orientador Lutiére Dalla Valle

Desenhamos, entrelaçamos, bordamos, tramamos nossas vidas diariamente, conscientemente ou inconscientemente, e assim as histórias vão sendo escritas/desenhadas/formadas, ao serem retomadas, pelas memórias que desenvolvemos. Seja pelos afetos desenvolvidos durante nossas existências, seja pelas relações sociais que são forjados no decorrer de nossas vidas. Assim, não somos somente nós que escrevemos ou desenhamos nossas histórias de vida, elas são um processo vivido por nós, que é construído, (des)construído e (re)construído no coletivo, mas trocas, vivências múltiplas e distintas. Pois, é com e através destes afetos que ampliamos nossas experiências profissionais e formativas. Envolvida por estas relações que a pesquisa sobre a formação continuada em artes, junto as professoras de artes da Secretaria de Educação de Santa Maria/RS/SMED, está sendo enredada, através de encontros que a educação em/desde as artes tem proporcionado coletivamente. Ao considerar as individualidades das participantes/sujeitas da pesquisa. Nos valem de Hernández, Apraiz, Gil e Gorospe (2020), para organizar/planejar junto com as colegas da SMED encontros de formação por meio da produção de afetos, entrelaçando experiências individuais, suas inquietudes, modos de ver e de ser, a partir de uma abordagem colaborativa. Atravessados por questionamentos, movimentados, por examinar o olhar sensível dos temas que são levados para cada encontro e que movimentam a seguinte problemática: como podemos desenvolver uma formação continuada por meio dos inventários afetivos na produção de percursos pedagógicos que consideram o contexto social, profissional e pessoal das professoras que atuam na educação básica na contemporaneidade?"



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

POR UMA EDUCAÇÃO PARA TODOS: A EJA COMO MEIO DE VALORIZAÇÃO DE NARRATIVAS E PERTENCIMENTO SOCIAL

Eixo: GT 2 – Narrativas e Formação de Professores

Maria Luiza Lopes Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Pedagogia Licenciatura Plena Diurno

Maria.lopes@acad.ufsm.br

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em

Educação

tania.miorando@ufsm.br

Para refletirmos acerca da Educação para Todos é necessário a construção de conhecimento sobre as realidades que constituem os cenários sociais, políticos e culturais, considerando a Educação Básica, de Ensino Público, também na modalidade da Educação para Jovens e Adultos (EJA). Esta modalidade corresponde à educação para pessoas que não concluíram ou não iniciaram na idade escolar de 04 a 17 anos, assegurada na Constituição Federal, pelo art. 208 (Brasil, 1988). A EJA tem como característica o público em sua maioria de jovens e adultos de baixa renda socioeconômica. Portanto, dentro desse cenário, é um dos seus objetivos a inclusão em espaços sociais e a inserção no mercado de trabalho, alcançando a conclusão dos estudos e sua certificação. Assim, pensando de uma forma ampla e sensível, queremos a EJA como espaço de reflexão para educadores na criação de possibilidades de educar para a inclusão social, em articulações a propostas para uma educação sobre a valorização de narrativas daqueles que estudam na EJA. Ao imaginarmos a influência e o impacto positivo da educação e da escola nas vidas dos estudantes e como estes se enxergam sujeitos ativos e pertencentes do todo dentro da sociedade, suas expectativas de vida melhoram e a emancipação social tem mais chances de acontecer. Perceber o aprendizado e a instituição escolar como um espaço de pertencimento, acolhimento, oportunidades e valorização de saberes comunitários permite aos estudantes que sua autoestima se transforme. A EJA pode ser um lugar para o olhar e a escuta sensível, através de projetos, propostas, metodologias, políticas públicas, eventos e passeios, que possibilitem a socialização e a educação das pessoas que tiveram tempos diferentes daqueles que passaram pela escola durante sua infância e adolescência. A sociedade precisa repensar o cuidado voltado para a valorização de todos que chegam em busca de uma educação inclusiva.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; Inclusão Social; Processos Inclusivos.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

A FANTÁSTICA BIBLIOTECA DA TURMA CARAMBOLA: AS POSSIBILIDADES DE UM PROJETO DE EXPLORAÇÃO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Maria Laura Schmidt Rossi
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
maria-laura.rossi@acad.ufsm.br

Graziela Escandiel de Lima
Orientadora

Este trabalho é um relato de experiência do projeto “*A fantástica biblioteca da Turma Carambola: contando histórias e possibilitando novas experiências*”, desenvolvido com crianças de 2 e 3 anos na Escola Infantil e Fundamental Heroica, da rede privada de ensino do município de Santa Maria/RS. Desde o início do ano letivo, ainda durante o período de acolhimento, observou-se que a turma apresentava grande interesse pelos momentos diários de contação de histórias, ao ponto que, ao decorrer das tardes, eles se multiplicassem em vários e dessem lugar à diferentes maneiras de narrar enredos. Tendo isso em vista, a fim de promover vivências inéditas focadas na potencialização do imaginário, optou-se por desenvolver um projeto pedagógico caracterizado pela realização de propostas permeadas pelas narrativas dos livros infantis, com o objetivo de que as crianças pudessem expressar, como sujeitos dialógicos, criativos e sensíveis, suas emoções, dúvidas, hipóteses e descobertas por meio de diferentes linguagens. O mesmo teve um tempo de duração de 5 semanas, e foram realizadas atividades com temáticas baseadas em livros infantis selecionados previamente pela professora, como: “*O muro no meio do livro*”, de Jon Agee; “*O homem que amava caixas*”, de Stephen King; e “*Os Vizinhos*”, de Einat Tsarfati. Através da exploração do “Baú de histórias”, que, por meio da literatura, desafiou a turma a elaborar desde construções criativas até histórias coletivas, foi possível desenvolver um percurso de aprendizagens que proporcionou o progressivo desenvolvimento da imaginação, da criatividade, da fala e da escuta das crianças. É possível afirmar que os livros não só nos garantiram muitas descobertas, novas percepções e processos de criação, mas também a ampliação das relações interpessoais e aproximações com conhecimentos de diferentes áreas do conhecimento mediante experiências nas quais foram possíveis fazer observações, manipular objetos, investigar, explorar seu entorno e levantar hipóteses.

Palavras-chave: Literatura Infantil; Imaginário; Educação Infantil.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

**FATIAS DE VIDA, FATIAS DE CUCA: A ESCOLA COMO ESPAÇO
DE FORMAÇÃO SENSÍVEL**

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Maria Eduarda Rubert Soares

Universidade Federal de Santa Maria, Programa De Pós-Graduação Em

Políticas Públicas E Gestão Educacional

m.eduardars@hotmail.com

Orientador Prof^a. Dr^a. Adriana Moreira da Rocha-Veiga

Resumo

E se as formações docentes fossem como a cuca que minha avó fazia? Sem pressa, sem receita exata, feita com o que havia em casa — mas sempre com afeto, atenção e presença. É com essa lembrança que venho pensar a formação de docentes em serviço da Educação Infantil, para tornar esse espaço um lugar de escuta real, partilha e aprendizagem. Esta proposição nasce de uma pesquisa em andamento em uma escola de Educação Infantil de Santa Maria/RS. Inspirada na Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e em uma abordagem qualitativa, investigo como as ambiências bioecológicas — entendidas como contextos afetivos, vivos e relacionais — atravessam os processos de formação continuada e a gestão pedagógica. As narrativas de vida de cada docente estão no centro do que se vive e do que se aprende. O que acontece quando a formação se aproxima da vida real, dos desafios diários, das histórias que moram no corpo e na fala de quem educa? E quando a gestão se faz junto, respeitando o tempo de cada processo, como o tempo do forno? Quero, nesta roda, partilhar inquietações que surgem quando experiências vividas se convertem em saberes e práticas. Como transformar a escola em um lugar onde se aprende também com o que se sente, com o que se lembra, com o que se vive? Como escutar o que está nas bordas da vida de cada docente e permitir que isso também seja compartilhado?

Convido à roda de conversa com essas inquietações e contribuições, e que elas nos nutram — como uma fatia de cuca ainda quente — os educadores, as crianças e os espaços onde a infância acontece.

Palavras chave: Formação continuada, Ambiências Bioecológicas, narrativas docentes.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ALÉM DO TERRENO: APORTES DE OUTRAS DISCIPLINAS E TERRITÓRIOS¹

MÁS ALLÁ DEL TERRENO: APORTES DE OTRAS DISCIPLINAS Y TERRITORIOS

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Autora

María del Rosario Pellegrino

Universidad Nacional de Hurlingham / Universidad Federal de Viçosa

E-mail: mariadelrosariopellegrino@gmail.com

Orientadora

Ginia Bontempo

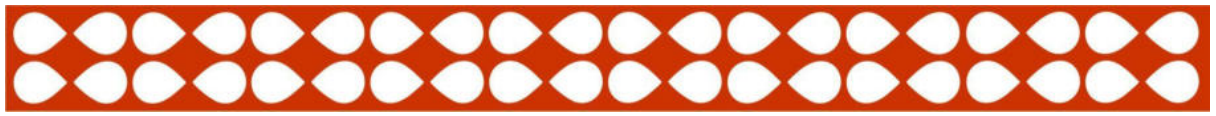
Universidad Federal de Viçosa

E-mail: ginia@ufv.br

Resumen:

En el marco del Doctorado en Educación, este trabajo se propone reflexionar sobre los aportes provenientes de otras disciplinas y contextos, en particular de la formación de profesores en ciencias y biología en Brasil, a partir de una beca concedida en ese país. El intercambio académico me permitió repensar tanto mi propia trayectoria como educadora en los campos de la Educación Física y la Psicomotricidad, como el trabajo de tesis doctoral desarrollado desde un enfoque etnográfico en dos escuelas del Conurbano Bonaerense, en Buenos Aires (Argentina), el cual se encuentra en fase de procesamiento y análisis de datos. ¿Cómo puede la estancia en otro país y en otras disciplinas enriquecer la práctica educativa local y nutrir los procesos de investigación en el propio territorio? En primer lugar, las experiencias en el aula (el armado de un viaje técnico y las actividades de debate), así como un recorrido por el bosque, permitieron evocar recuerdos de la propia formación y la oportunidad de pensar en posibles diálogos interdisciplinarios entre la Educación Física y la Biología para la educación ambiental y la educación ciudadana. El intercambio también estimuló la reflexión sobre las potenciales contribuciones de la Psicomotricidad a la educación corporal y sexual. Finalmente, el paseo y las visitas escolares me permitieron reflexionar sobre el papel de los entornos naturales en la configuración de las experiencias corporales y el aprendizaje.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001"



Palabras clave:

Formación; Investigación; etnografía; interdisciplinar, territorio



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ENTRE A EVASÃO E A PERMANÊNCIA: POLÍTICAS PÚBLICAS E MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Eixo: GT 6 - Sessão Especial - Imaginários para o futuro

Maria de Lourdes Severo Regio
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Educação
mlsregio@ufsm.br

Liliane Gontan Timm Della Mea
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Educação
liliane.mea@ufsm.br

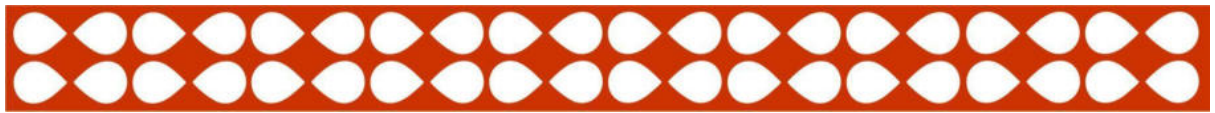
Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação de Educação
tania.miorando@ufsm.br

Orientadora Adriana Moreira da Rocha Veiga
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação de Educação
adriana.veiga@ufsm.br

O trabalho apresentado no 8º Ouvindo Coisas: memórias para o futuro propõe uma reflexão a partir do projeto de tese em desenvolvimento, que investiga as políticas públicas na formação de professores, a permanência e a evasão no ensino superior. Este estudo integra o Projeto de Pesquisa em Rede "Bases para a projeção de uma política de formação de professores no Rio Grande do Sul", no âmbito da Rede GEU (Grupo de Estudos sobre Universidade), composta por pesquisadoras e pesquisadores que se dedicam a estudos sobre o espaço universitário como lugar de formação profissional, produção de conhecimento e educação superior. Com base em recortes do projeto de tese, o estudo analisa políticas institucionais nas licenciaturas da UFSM, focando tanto na formação docente quanto no enfrentamento da evasão estudantil. O objetivo geral é compreender como memórias e práticas institucionais podem orientar políticas futuras. A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualiquantitativa, combinando análise documental dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) de licenciatura com entrevistas semiestruturadas com coordenadores. Além disso, utiliza dados do Projeto Integra (PROGRAD/PROPLAN/CPD) para analisar perfis de risco de abandono e ações de mitigação recomendadas. As análises contemplarão o perfil do egresso, o perfil do Aluno Regular em situação de risco de abandono, o risco de abandono do Curso e as ações recomendadas para atenuar esses fatores de vulnerabilidade. Com isso, pretende-se compreender como as memórias institucionais, expressas em políticas e práticas, podem orientar a construção de estratégias futuras para a democratização e permanência no ensino superior.



Palavras-chave: Ensino Superior, Formação de Professores, Permanência e Evasão.



Remetências, escritas e resistências: educação em tempos de cafetinagem do pensamento

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Marcela Bautista Nuñez
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação
nunez.marcela@acad.ufsm.br

Marilda Oliveira de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação
marilda.oliveira@ufsm.br

Nesta pesquisa, experimentamos a escrita de cartas como gesto investigativo e também como prática de formação. Escrever para docentes e pesquisadoras foi um modo de compor com afetos, hesitações, deslocamentos e inquietações sobre o que significa ensinar e pesquisar hoje. Inspiradas pelas filosofias da diferença, especialmente por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992), apostamos em uma escrita que se faz em plano de imanência: que não representa, mas cria; que não prova, mas produz sentidos. Uma escrita que não se dobra às métricas, mas insiste no incômodo do que escapa. Assumimos a *remetência*, uma fusão entre remetente, referência e presença, como força de composição com outras existências e pensamentos. Uma escrita disposta a escutar e ser atravessada. Não para oferecer soluções, mas para se deixar afetar pelo que ainda pulsa sem forma. No contexto da formação de professores, onde normas e resultados predominam, nos perguntamos: o que é feito do desejo? Das dúvidas, das pausas, dos vazios? O que acontece com o ensinar quando o pensamento é capturado por lógicas de produtividade? Como aponta Suely Rolnik (2018), vivemos sob uma *cafetinagem da vida*: a exploração das nossas potências vitais, afetivas e criativas por um regime que transforma tudo em capital, inclusive o pensamento e os modos de vida. A universidade, nesse cenário, corre o risco de tornar-se um mercado de ideias empacotadas, onde o prazer de pensar é trocado pela angústia da performance. Que modos são possíveis de criação para resistir à cafetinagem do pensamento sem abrir mão da docência como campo vivo de criação?



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

NARRAR PARA (RE)EXISTIR NA DOCÊNCIA: ESCUTAR E PER(FORMAR)

Eixo2: Narrativas e Formação de Professores

Letícia Beatriz Utzig

Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Educação

leticiautzig06@gmail.com

Douglas Vicente Leopold

Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Educação

douglasleopold13@gmail.com

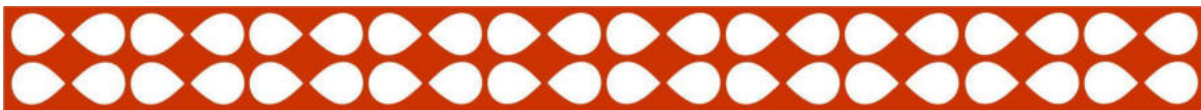
Orientadora: Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

tania.miorando@ufsm.br

Como as histórias de vida contadas em sala de aula moldam nossas práticas e ajudam a formar professores mais humanos, conscientes e sensíveis? Quais imagens de ser professor estão impregnadas em nossas narrativas e como podemos reimaginá-las? Essas são algumas das questões que atravessam minha prática docente e minha pesquisa em andamento no mestrado em Educação, na qual investigo o papel das experiências teatrais e das narrativas performáticas na formação continuada de professores. Parto da ideia de que narrar não é apenas contar o que se viveu, mas uma forma de dar sentido ao vivido e, ao compartilhá-lo, construir coletivamente novos imaginários sobre a docência. Em encontros formativos com professores, tenho vivenciado momentos em que o corpo, a voz e a memória se entrelaçam para produzir sentidos e ressignificar trajetórias. Quando professores narram suas vivências — de luta, de fracasso, de afeto, de descoberta — eles não apenas registram suas histórias, mas também aprendem sobre si mesmos e uns com os outros. Como lembra Marie-Christine Josso (2002), ao narrarmos nossas experiências, organizamos a existência, refletimos sobre o que vivemos e abrimos caminhos para novas aprendizagens. A escuta se torna, então, uma prática formativa potente: escutar o outro é também escutar-se. Minha provocação é: será que nossas formações docentes têm criado espaços reais de escuta e narração? Ou ainda estamos presos a modelos que silenciaram nossas histórias e afetos? É urgente pensar práticas formativas que acolham a palavra, o gesto, o riso e o choro — que façam da narrativa um ato de resistência e criação.

Palavras-chave: Narrativas Docentes; Formação de professores; Teatro na Educação



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

VOZ, VEZ E VIDA: O GEPEIS NA NOSSA FORMAÇÃO DOCENTE

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Guacira de Azambuja
Universidade Federal de Santa Maria
guacira.azambuja@ufsm.br

Glaucimara Pires Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria
glaucimara.oliveira@ufsm.br

A importância do GEPEIS¹ na nossa formação inicial e continuada foi impactante, no sentido que nos possibilitou em momentos diferentes da graduação e da pós-graduação, imergir no mundo do imaginário, do encontro, do pertencer, tendo voz e vez. Essas experiências ocorreram num cenário educacional, apresentando como “pano de fundo” a formação de professores e como atores: acadêmicos, docentes do ensino superior, pesquisadores, professores de educação básica, assim como outros tantos de outras instituições que se entrelaçaram nessa trama: o GEPEIS. Publicamos livros, viajamos para outros lugares e culturas, mas para além de tudo, nos refizemos como gente, que “olha” de outra forma, que escuta, mas que também se manifesta, que quebra protocolos, que institui o novo. Considerando as diferenças, a complexidade das amarrações precisava de habilidade, o que tínhamos na palavra e referência da Professora Valeska. Foi na diversidade, na equidade, na busca por promover as diferenças e no respeito ao próximo, que nos tornamos únicos, nos tornamos GEPEIS. Nossa constituição enquanto professoras e pesquisadoras hoje se deve ao período de experiências de vida e de formação junto ao grupo. Nesse período fomos apresentados aos estudos de FOUCAULT, CASTORIADIS, NÓVOA, TARDIF, GAUTHIER, IMBERNÓN, SCHÖN, ZEICHNER autores que fundamentaram as pesquisas realizadas pelo GEPEIS e consolidaram nossa formação. Assim, fomos nos constituindo por meio da aprendizagem e na convivência com o grupo que era diversificado tanto nas formas de pensar, quanto dos lugares de origem como também dos cursos em processo de realização. A diversidade também versava pela condição econômica e das experiências de cada participante. Um grupo que ao caminhar transformava seus caminhos ora circulando em eventos, ora promovendo-os. Criando e se recriando em todos os momentos e oportunidades, mas sempre aproveitando as experiências de cada um como possibilidade e recurso formativo.

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA NA INFÂNCIA, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA METODOLOGIA MAIS HUMANA E INCLUSIVA

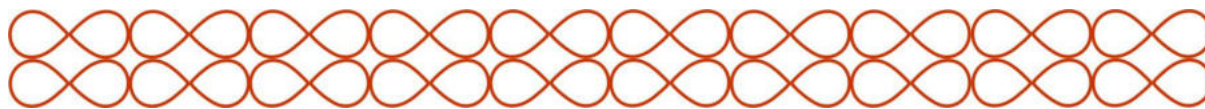
GT: 2 Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Josiane da Silveira Roepke
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional -
Mestrado Profissional
E-mail: josiane.roepke@gmail.com

Orientador: Lorena Inês Peterini Marquazan

Palavras-chave: Educação Infantil; Alfabetização Ecológica; Inclusão.

Este trabalho é um recorte do projeto de qualificação de mestrado apresentado ao PPPG/UFSM. A autora busca através deste desenvolver um produto sobre a temática da alfabetização ecológica na infância, visando a inclusão e envolvimento de todos, buscando os desafios e possibilidades no contexto da educação infantil. Nos inquietamos: é possível propiciarmos uma alfabetização ecológica na infância através de um trabalho colaborativo usando as ambiências bioecológicas? Para isso, buscamos através da narrativa autobiográfica, pautada em JOSSO (2010/2020), realizada pela pesquisa formação, em uma escola municipal de educação infantil da cidade de Santa Maria - RS desenvolver ambiências colaborativas a fim de desenvolver a alfabetização ecológica. O mundo é um todo integrado, inspirada em Fritz Capra a tomada de consciência que os sujeitos sintam-se ligados ao cosmo como um todo, numa consciência da unidade e da diversidade de toda a vida e da interdependência das múltiplas manifestações implicando em mudanças e transformações. Trabalhar com as crianças esta consciência nos traz infinitas possibilidades para buscarmos um mundo melhor. Introduzir conceitos ecológicos desde cedo ajuda as crianças a desenvolverem uma consciência sobre a importância do meio ambiente. Elas aprendem a valorizar a natureza e a entender a necessidade de preservá-la. Por meio do estudo e pesquisa das propostas e de Fritjof Capra e Edgar Morin, a fim de, buscar conhecimentos para proporcionar ambiências mais acolhedoras e sustentáveis na escola de educação infantil. Os direitos das crianças, o cuidar e o educar centrado no brincar mobiliza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral, promovendo a saúde física e mental das crianças, um estilo de vida mais saudável, o que, na educação infantil não só contribui para o desenvolvimento integral das crianças, mas também ajuda a formar cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sustentabilidade do planeta.



GT 2 - NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRUPO 3 - SALA 21 Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORAS: Tânia e Cândice

O grupo Narrativas e Formação propõe-se a reunir investigadoras(es) que apresentem reflexões no campo da formação inicial e continuada em diferentes níveis, considerando as narrativas como importante elemento para a constituição dos saberes e práticas docentes.

1. POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO PRESENTE E DO FUTURO

Raquel Witt Reis; Liliane Gontan Timm Della Mea; Tania Micheline Miorando

Orientadora: Adriana Moreira da Rocha Veiga

2. IMAGINÁRIO E CULTURA DE LETRAMENTO: QUAL LÍNGUA A ESCOLA FALA?

Tania Micheline Miorando; Tania Maria Moreira

3. NARRATIVAS DE PERTENCIMENTO EM CINQUENTA ANOS DE MAGISTÉRIO E A FORMAÇÃO PERMANENTE DE UMA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Felipe Costa da Silva

4. AUTO(TRANS)FORMAÇÕES: POR UMA AMBIÊNCIA DE ACOLHIMENTO/PERTENCIMENTO NO ENSINO SUPERIOR

Ivani Soares

Orientador: Celso Ilgo Henz; Coorientadora: Joze Medianeira de Andrade

5. RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA: A PERSPECTIVA DOCENTE ACERCA DO CONTATO COM PAIS, FAMILIARES OU RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL.

Jackson Jardel Fagundes Weschenfelder

Orientadora: Graziela Escandiel de Lima

6. ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA NA INFÂNCIA, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA METODOLOGIA MAIS HUMANA E INCLUSIVA

Josiane da Silveira Roepke

7. COMO PENSAR EM ERER PARA UM FUTURO RESPEITOSO?

Josiane Ramos Ilha

Orientadora: Graziela Escandiel de Lima

8. (RE)ENCONTROS: CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS DA SAUDADE NO INGRESSO DA CARREIRA DOCENTE

Leticia Porto Soares; Paula Karine Dolovitsch Lambrecht

Orientadora: Graziela Escandiel de Lima

9. VIVENDO NO MUNDO EJA: JOVENS E ADULTOS APRENDENDO E ENSINANDO



Edite Fabiana Schultz Trost; Arielli Rodrigues
Orientadora: Tania Micheline Miorando

10.NARRAR A EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES EM JORGE LAROSSA

Eliane Silva Gonçalves

*Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Menna Barreto Abrahão; Co-orientadora: Prof^a. Dr^a.
Andrisa Kemel Zanella*



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

POLÍTICAS DE FORMAÇÃO: PROFESSORES DO PRESENTE E DO FUTURO

Eixo: GT 6 - Sessão Especial - Imaginários para o futuro

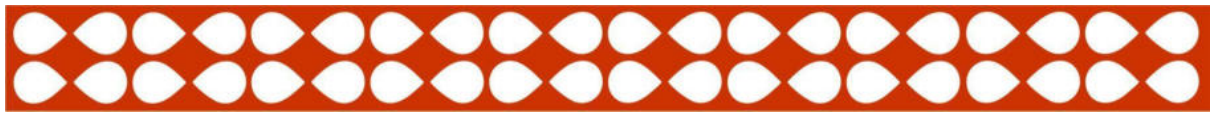
Raquel Witt Reis
Universidade Federal de Santa Maria, do Curso de Pedagogia
raquel.reis@acad.ufsm.br

Liliane Gontan Timm Della Mea
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em Educação
liliane.mea@ufsm.br

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação de Educação
tania.miorando@ufsm.br

Orientadora: Adriana Moreira da Rocha Veiga
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação de Educação
adriana.veiga@ufsm.br

O estudo que fazemos está voltado a olhar para as Bases Políticas de Formação de Professores, sob a legislação brasileira e o cenário do Estado do Rio Grande do Sul (RS). A investigação se compõe por uma rede de pesquisadores em instituições federais e comunitárias, do RS, que buscam em suas regiões dados sobre professores em formação inicial e professores ativos nas redes municipal e estadual. A metodologia é qualiquantitativa, com entrevistas a coordenadores de curso de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e Instituições Comunitárias de Ensino Superior (ICES), gestores educacionais, professores da Rede Básica e professores em formação inicial. O referencial teórico é também composto por análise documental em contraponto aos dados levantados. Especificamente apresentamos aqui a preocupação que nos remete a projetar um panorama que nos indica a falta de professores para diversas áreas de atuação na Educação Básica. O contexto político e cultural nos leva a vislumbrar condições de uma educação que não estaria sustentada por professores em trabalho presencial e sob uma formação que possivelmente poderia vir sob orientações criadas em contextos políticos diferentes daqueles que vivemos e regiões outras daquelas que habitamos. Questionamos um futuro que poderia se dar por aulas em turmas com um grande número de estudantes ou fazendo uso apenas de apostilas ou plataformas, que pudessem prover a falta de



professores. Mas, por que o forte interesse em não dar condições à continuidade de professores para uma educação presencial? As discussões e dados relativos aos contextos educacionais serão levados aos gestores depois de serem organizados, discutidos em evento presencial, e levantados argumentos para seguir investigando o cenário educacional no RS. A resistência por uma educação de formação relacionada à implicação regional, estadual e nacional é uma defesa que ligamos à sustentabilidade às condições de respeito em nossas próprias comunidades.

Palavras-chave: Formação de Professores; Políticas de Educação; Gestores Educacionais.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

IMAGINÁRIO E CULTURA DE LETRAMENTO: QUAL LÍNGUA A ESCOLA FALA?

Eixo: GT 4 - Imaginários e Culturas

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação
tania.miorando@ufsm.br

Tania Maria Moreira
Universidade Federal de Santa Maria, do Departamento de Metodologia de Ensino
tania.moreira@ufsm.br

O imaginário se materializa pela cultura, na língua que falamos, por carregar valores e crenças que nos atravessam. Contamos o que somos pelos modos que narramos o que vivemos, em uma sociedade de múltiplas culturas, histórias e memórias. Um desses espaços culturais é a universidade que reforça construções simbólicas coletivas e molda formas de interpretar e agir no mundo. Na formação de professores temos a oportunidade de mobilizar práticas reflexivas sobre o ensino da linguagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste trabalho temos por objetivo refletir sobre os imaginários culturais e as influências de concepções e práticas de alfabetização e letramento internalizadas pelas vivências pessoais, escolares e formativas para a mobilização de estratégias inclusivas, críticas e sensíveis às demandas de diferentes contextos de aprendizagem escolar. A mobilização de imaginários se efetivou a partir de práticas docentes em cursos de formação de professores da Educação Especial e Pedagogia, em uma universidade pública, do interior do Estado do Rio Grande do Sul, em aulas previstas no seu currículo. A base teórica que sustenta esta ação se fundamenta em Magda Soares, a partir da noção de Letramento como Prática Social e de Castoriadis, considerando a perspectiva do Imaginário Social. A metodologia se caracteriza por um estudo qualitativo, organizado por encontros semanais aos formadores de professores, que levam para suas aulas, às/aos licenciandos em curso, sobre estudos e práticas da língua e da alfabetização. Foram selecionados textos e a obra *Alfaletrar*, de Magda Soares, para seu estudo, seleção de conceitos em glossário e a prática no planejamento de uma Sequência Didática, no ensino de língua. Por resultados parciais temos um levantamento do imaginário dos licenciandos/as sobre o ensino, estudos teóricos realizados que culminaram com a produção de um glossário da obra de Soares e a aprendizagem na mobilização de saberes linguísticos.

Palavras-chave: Formação de professores; Ensino de Língua Portuguesa; Alfabetização e Letramento.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

**NARRATIVAS DO PERTENCIMENTO EM CINQUENTA ANOS
DE MAGISTÉRIO E A FORMAÇÃO PERMANENTE DE UMA
PROFESSORA ALFABETIZADORA**

Eixo: Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

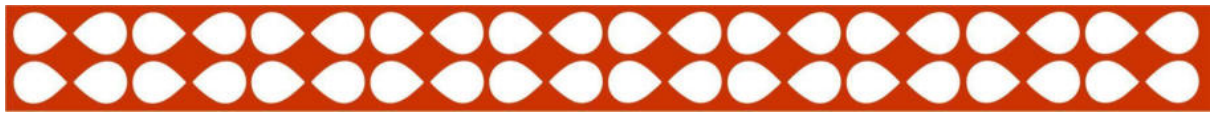
Felipe Costa da Silva
Doutorando em Educação PPGE/UFSM
Email: felipecostadasilva.96@gmail.com

Adriana Moreira da Rocha Veiga
Departamento de Fundamentos da Educação/Orientadora
E-mail: adrianaufsm@gmail.com

Maria Rita Py Dutra
Professora Aposentada e Pós- Doutora em Educação
Email: mrpy54@gmail.com

Palavras-chave: Histórias de vida, pertencimento e realidade.

Este resumo dialoga com as travessias e narrativas sobre a trajetória formativa de uma professora alfabetizadora da Rede Pública com cinquenta anos de magistério, a partir da análise teórica referente às categorias de pertencimento à realidade docente: história de vida, formação de professores enquanto experiência refletida e memórias da trajetória formativa. Ao propor um trabalho ancorado em Histórias de Vida presencio relatos orais que presentificam o passado, revivendo-o e fomentando a reflexão sobre o mesmo. Ao tratar sobre estas, estou tratando, de memórias e histórias situadas no mundo, mas que também se encontram relacionadas com a ressignificação e a imaginação. Desse modo, a proposição de



uma pesquisa voltada às abordagens (auto) biográficas é importante ao passo que possibilita ver o docente como sujeito de uma história que difere de outras, subjetiva e ancorada no tempo-espço vivido pelo próprio sujeito. Ao praticar o ato de relatar, por sua vez, o docente reflete tanto sobre sua vida pessoal quanto profissional, ressignificando-a e compreendendo-a de distintas formas a cada lembrança. A metodologia aqui escolhida tem como proposta aprofundar o estudo dos sentimentos que se ligam à docência, de modo que percebamos a finalidade da pesquisa desses contextos tão influentes e emergentes em nossa sociedade. A pesquisa narrativa flexibiliza as atividades docentes e analisa e complementa os processos que interligam a humanização e democracia.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

AUTO(TRANS)FORMAÇÕES: POR UMA AMBIÊNCIA DE ACOLHIMENTO/PERTENCIMENTO NO ENSINO SUPERIOR

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Ivani Soares

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

ivanirodhen@gmail.com

Orientador: Celso Ilgo Henz

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

Celsoufsm@gmail.com

Coorientadora: Joze Medianeira de Andrade

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

Joze.andrade@gmail.com

Resumo: Para além das Políticas Afirmativas, o que faz com que licenciandos em pedagogia permaneçam nos cursos até o êxito/formatura? É possível criar uma ambiência de acolhimento/pertencimento no ensino superior visando a permanência e o êxito? Criar uma ambiência, junto com os estudantes na sala de aula onde atuamos, pode auxiliar o trabalho docente? Como técnicas como aquarela e contação de histórias pode auxiliar o trabalho do professor em sala de aula? Em amorosa coautoria, dialogamos com licenciandas dos últimos semestres do Curso de Pedagogia da UFSM, diurno e noturno, buscando compreender os aspectos que contribuem para a construção de uma ambiência de acolhimento/pertencimento no ensino superior, visando a permanência e o êxito. Ouvimos, também, estudantes das outras universidades federais do RS. A pesquisa formação auto(trans)formação, a nível de Doutorado em Educação, tem abordagem qualitativa e trabalha com os Círculos Dialógicos Investigativo-auto(trans)formativos; proposta epistemológico-política desenvolvida no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisas Dialogus, da UFSM. Nesta Instituição, estamos realizando 2 Círculos Dialógicos com cada turma (duas do diurno e uma do noturno). As palavras-dobradiça que movimentam os encontros dialógicos são: quem sou/de onde venho e como era a universidade que sonhei; e como era a universidade que encontrei e como seria a universidade que eu gostaria de ter encontrado. A ambiência do primeiro encontro acontece com a pintura de aquarelas e a do segundo encontro acontece com a contação de histórias, como forma de levar duas excelentes ferramentas de trabalho para as professoras em formação. A pesquisa aproxima os pressupostos teórico-conceituais das rodas de cultura de Paulo Freire (1998, 2014, 2015, etc.) às experiências de vida e formação de Marie Christine Josso (2010a, 2010b) e busca compreensão na hermenêutica de Gadamer (2008).



Palavras-chave: pesquisa auto(trans)formação; ambiência de acolhimento/pertencimento; permanência e êxito no ensino superior.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

RELAÇÃO FAMÍLIA - ESCOLA: A PERSPECTIVA DOCENTE ACERCA DO CONTATO COM PAIS, FAMILIARES OU RESPONSÁVEIS DE CRIANÇAS EM VULNERABILIDADE SOCIAL

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Jackson Jardel Fagundes Weschenfelder
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
jackson.weschenfelder@acad.ufsm.br

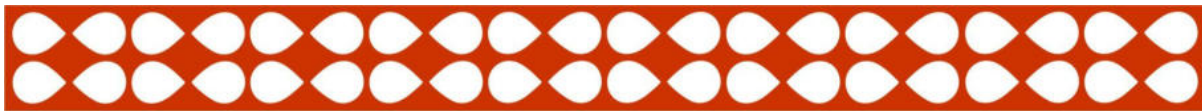
Orientadora: Graziela Escandiel de Lima
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
graziescandiel@gmail.com

Em virtude das vivências nos estágios da pedagogia a distância, devido ao distanciamento social provocado pela pandemia de CoVid-19 (2020 a 2022) e observando os relatos de colegas professoras sobre a falta de compreensão das famílias sobre o desenvolvimento das crianças, bem como a minha percepção docente acerca da dificuldade de compreender o que as crianças têm vivido em espaços extra escolares e como essas vivências têm repercussão nas vivências escolares, principalmente de crianças em situação de vulnerabilidade social. Início essa pesquisa com o problema: Como os professores da rede pública de ensino de Santa Maria têm percebido as relações que estabelecem com as famílias dos educandos, bem como a presença de discussões acerca do tema em sua formação inicial e continuada. Para tanto Objetiva-se de forma geral: Compreender se, e como, a escola e a família estão, e podem estar, compartilhando a educação das crianças em diferentes situações de vulnerabilidade social na educação infantil da rede pública de ensino de Santa Maria - RS. De forma específica objetiva-se: Compreender como os/as docentes da educação infantil de santa maria tem estabelecido relação com as famílias das crianças em situação de vulnerabilidade social em suas turmas e quanto sentem-se preparadas para tal. Compreender como a formação inicial e continuada tem auxiliado os educadores a estabelecerem relações de confiança e complementaridade no que tange a educação das crianças.

Buscar experiências e possibilidades de relações família-escola no Brasil. Para responder estas perguntas e objetivos, iremos conceituar “Relação Família-escola”, “Formação Docente” e “Vulnerabilidade social” dando base às discussões da temática. Para então, através de observações e entrevistas com os educadores de duas novas escolas do Pró-infância instaladas em Santa Maria-RS compreender suas percepções, buscando compreender o que já é feito e possibilidades de aprimoramento dessas práticas a partir de outros estudos e experiências Brasileiras.



Palavras chave: “Relação Família-escola”, “Formação Docente”, “Vulnerabilidade social”.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ALFABETIZAÇÃO ECOLÓGICA NA INFÂNCIA, NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL, UMA METODOLOGIA MAIS HUMANA E INCLUSIVA

GT: 2 Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Josiane da Silveira Roepke

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional -
Mestrado Profissional*

josiane.roepke@gmail.com

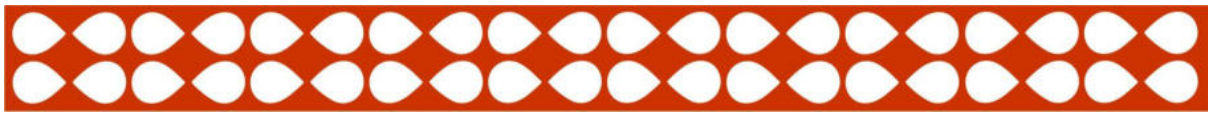
Orientadora: Lorena Inês Peterini Marquezan

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional -
Mestrado Profissional*

lorena.marquezan@ufsm.br

Palavras-chave: Educação Infantil; Alfabetização Ecológica; Inclusão.

Este trabalho é um recorte do projeto de qualificação de mestrado apresentado ao PPPG/UFSM. A autora busca aprofundar o estudo sobre a temática da alfabetização ecológica na infância, visando a inclusão e envolvimento de todos, dentre os desafios e possibilidades no contexto da Educação Infantil. Partindo do questionamento: é possível propiciar uma alfabetização ecológica na infância, através de ambiências bioecológicas fundamentadas em Urie Bronfenbrenner? A presente investigação, ancorada na perspectiva da pesquisa-formação, desenvolve-se em uma escola municipal de Educação Infantil na cidade de Santa Maria – RS,. Para tanto, adotamos a narrativa autobiográfica como dispositivo metodológico, conforme concebida por Marie-Christine Josso, a qual permite a emergência de saberes da experiência e a reconstrução dos percursos formativos dos sujeitos envolvidos. Inspirada nas contribuições de Fritjof Capra e Edgar Morin, esta reflexão parte da compreensão de que o mundo constitui um todo integrado, onde a complexidade e a interdependência são elementos fundamentais para a construção do conhecimento e da consciência ecológica. Tal concepção convoca a educação a assumir um papel formativo que promova o sentimento de pertencimento ao mundo e incentive práticas pautadas na solidariedade ecológica, no respeito à diversidade e na valorização das conexões entre os sistemas naturais, sociais e culturais de forma mais acolhedora. Trabalhar com as crianças esta consciência nos traz infinitas possibilidades para buscarmos um mundo melhor, elas aprendem a valorizar a natureza e a entender a necessidade de preservá-la. Respeitando os direitos das crianças, tendo o cuidar e o educar centrado no brincar mobilizando o cotidiano da infância, trazendo em voga muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral, promovendo a saúde física e mental das crianças, um estilo de vida mais saudável, o que, na Educação Infantil contribui



para o desenvolvimento integral das crianças, formando cidadãos mais conscientes e comprometidos com a sustentabilidade do planeta.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

COMO PENSAR EM ERER PARA UM FUTURO RESPEITOSO?

Eixo: GT2- Narrativas e Formação de professores

Josiane Ramos Ilha
RME Santa Maria/ Professora Educação Infantil
josiane.ilha@acad.ufsm.br

Orientadora: Graziela Escandiel de Lima
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
graziescandiel@gmail.com

O presente resumo apresenta a intenção de criar um diálogo sobre a formação inicial e continuada de professores para consolidar a ERER (Educação para as Relações Étnico - Raciais) que construa memórias positivas pessoais e profissionais a cada professor e seus estudantes negros. Sabemos que o racismo e o preconceito permeiam nossa sociedade e mais especificamente ele fortemente se manifesta nas escolas, pensar sobre a formação de professores nesta perspectiva é fundamental. A dissertação de mestrado intitulada “Olhares de professoras sobre as relações étnico-raciais em seus processos formativos” apresenta e discute as dificuldades que oito professoras participantes da pesquisa encontram no seu dia-a-dia para desenvolver uma educação antirracista. As professoras participantes relatam algumas maneiras que o racismo se manifesta na escola foco da pesquisa. Assim, diante destes dados, torna-se importante pensar as seguintes questões: “Será que falta compreensão da legislação que regula esta prática nas escolas? Diante da lei nº 10639/03, existente há mais de duas décadas os cursos de formação inicial estão preparando os professores para uma perspectiva respeitosa em relação aos estudantes negros?” Oliveira, Narvaes e Miorando (2023) apresentam diálogos referentes ao tema da diversidade nos cursos de formação de professores de Instituições de Ensino Superior. Para as autoras, o tema da diversidade é fundamental nos cursos de formação docente, mas ainda é uma temática muito pouco explorada. Pretende-se desenvolver junto ao GT um momento de diálogo que traga o reconhecimento das dificuldades em desenvolver a temática e quais movimentos sobre a ERER se fazem necessários para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Palavras- chave: Formação de professores; Educação para Relações Étnico- raciais; Diversidade



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

(RE)ENCONTROS: CONTRIBUIÇÕES DAS AULAS DA SAUDADE NO INGRESSO DA CARREIRA DOCENTE

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Leticia Porto Soares
Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Pedagogia Diurno
leticia.porto@acad.ufsm.br

Paula Karine Dolovitsch Lambrecht
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-graduação em Educação
paula.lambrecht@acad.ufsm.br

Orientadora: Graziela Escandiel de Lima
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
graziescandiel@gmail.com

Este trabalho apresenta as potencialidades formativas do projeto de extensão *AULAS DA SAUDADE: egressas/os dos Cursos de Pedagogia da UFSM em diálogo com seus contextos formativos*, direcionado a egressos(as) dos Cursos de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e vinculado ao Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE). O projeto objetiva promover espaços de diálogo, escuta e reflexão, acerca das primeiras experiências docentes de professores(as) iniciantes. A primeira Aula da Saudade (em 2024), contou com a participação de 13 (treze) egressos(as) e objetivou, a partir do diálogo, compreender os contextos dos espaços em que estão inseridos esses “professores iniciantes”. Utilizamos como dispositivos mobilizadores a *saudade* e a *memória*, sendo que o encontro propiciou o retorno de egressos(as) à UFSM que, em suas narrativas, reconhecem a importância deste espaço como forma de acolhimento, escuta, reflexão, memória e formação, ao trazerem lembranças dos espaços da universidade e partilharem os sentimentos que estar na escola suscita no início da carreira. O grupo participante se caracteriza pela especificidade de atuação na Educação Infantil, em suas narrativas as memórias das experiências constituídas no Estágio configuram este espaço formativo como determinante nas escolhas pós formação inicial. Os encontros mantêm-se como espaços formativos nos quais professores(as) podem expressar sentimentos, compartilhar experiências e dialogar com colegas e professores formadores, promovendo reflexões e olhares para as primeiras experiências na docência.

Palavras-chave: Professores iniciantes; Narrativas docentes; Primeiras Experiências



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

VIVENDO NO MUNDO EJA: JOVENS E ADULTOS APRENDENDO E ENSINANDO

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Edite Fabiana Schultz Trost
Universidade Federal de Santa Maria, do Curso de Educação Especial
fabiana.trost@acad.ufsm.br

Arielli Rodrigues
Universidade Federal de Santa Maria, do Curso de Educação Especial
arielli.rodrigues@acad.ufsm.br

Orientadora: Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
tania.miorando@ufsm.br

Neste trabalho trago minhas inquietações e descobertas na Educação Especial. Ao longo de minha graduação estive atuando e aprendendo com a Educação Infantil e os Anos Iniciais. Dentre os meus anseios, ainda busquei por uma nova experiência, observando que tenho muitas perguntas sobre a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Resolvi então complementar minha formação em um dos meus estágios em uma turma de alfabetização da EJA, em uma escola estadual, da cidade de Santa Maria/RS. O objetivo deste trabalho é relatar o percurso de novos caminhos através de narrativas e relatos de vivências decorridas dos meses de estágio. A metodologia é qualitativa e está se dando por relatos de aprendizagens e vivências, durante o estágio na EJA. Por resultados parciais apresento: Comecei por ler sobre alfabetização de adultos, práticas educativas e ressignificação de saberes. Estou escrevendo minhas observações de estágio para trabalhar, olhar e compreender as narrativas que surgem como inquietações e desafios que esta fase está proporcionando para a minha docência. Encontrei algumas pistas frente aos meus desafios e mais perguntas que surgiram ao decorrer do estágio obrigatório. Como trabalhar sem infantilizar os estudantes? Como considerar as individualidades dos estudantes, que trazem histórias tão singulares? Os estudantes da EJA trazem seus saberes que nem sempre são considerados e respeitados na escola. Há um imaginário que, apesar de serem uma turma de Jovens e Adultos, a maioria é adulto da terceira idade, que, frente à oferta de atividades que se repetem nas suas propostas, não se sentem motivados, e com isso frequentam poucos dias de aula. Esta experiência está sendo um dos maiores desafios durante a minha formação em relação à minha docência.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Docência. Formação de Professores.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

NARRAR A EXPERIÊNCIA: REFLEXÕES EM JORGE LAROSSA

GT2: - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Eliane Silva Gonçalves

UFPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação
escrevendoelianegoncalves@gmail.com

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão

UFPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação
abrahamhmb@gmail.com

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andrisa Kemel Zanella

UFPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação
andrisa.kemel@ufpel.edu.br

Palavras-chave: (auto)biografias; narrativa; experiência.

Esta é uma reflexão que opera em investigações a partir de narrativas (auto)biográficas, fundamentado em estudos Marie-Christine Josso e orientada pela pergunta: e se continuássemos a escrever? Ao explorar as interfaces da escrita de si, busco compreender narrativas da experiência como linguagem sensível, criativa e transformadora. Jorge Larrosa (2014) defende que a experiência não se reduz à vivência cotidiana, mas é aquilo que nos atravessa, mobiliza e modifica. Na formação docente, ela se configura como um acontecimento exigente de presença, escuta e abertura — uma suspensão do tempo produtivo em favor de um olhar desacelerado e profundo sobre o vivido. A experiência, nesse sentido, passa por reflexividade e sensibilidade e, nesse contexto, a experiência interessa assumir um papel central como linguagem que transcende a funcionalidade e permite uma vivência refletida, existencial e humanizada. Cabe enfatizar o saber da experiência como não adquirido mecanicamente, mas na disponibilidade para sentir e refletir, experienciar é mais que vivenciar, um processo distinto, algo precisa nos tocar. Narrar a experiência de si é também narrar(se) (a)o mundo, o espaço do sensível e das entrelinhas, nos escapes do que a linguagem possibilita. Perceber e escrever o instante que sentimos ou somos, é um gesto paradoxal — ao tentar captá-lo, ele já é passado. No entanto, esse paradoxo torna-se propositivo: permite mobilizar memórias, (re)significar o vivido e imaginar outros futuros possíveis, potencializando assim a imaginação criadora. Assim, a escrita da experiência se apresenta como processo que exige envolvimento, tempo, delicadeza e profundidade e, que revela emoções antes, durante e após o ato de narrar.



GT 2 - NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRUPO 4 - SALA 22 Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORES: Jéssica e Graça

O grupo Narrativas e Formação propõe-se a reunir investigadoras(es) que apresentem reflexões no campo da formação inicial e continuada em diferentes níveis, considerando as narrativas como importante elemento para a constituição dos saberes e práticas docentes.

1. QUEM SOU EU AO FALAR DE MIM?

Elcí da Silva Tonetto e Helenise Sangoi Antunes

2. TECIDOS QUE COBREM, TECIDOS QUE REVELAM: INQUIETAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ÉTICO-ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Douglas Vicente Leopold; Letícia Beatriz Utzig e Tânia Micheline Miorando

3. CHEGANDO NA LICENCIATURA EM DANÇA: PISTAS SOBRE MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS E CONCEPÇÕES INICIAIS DE PESSOAS INGRESSANTES E EGRESSAS

Djenifer Geske Nascimento; Siane Bolzan Colpo; Adrian Róbson Cabral dos Santos e Mônica Corrêa de Borba Barboza

4. EXPERIÊNCIAS NA E COM A NATUREZA: MEMÓRIAS DE ESCOLAS DA E PARA AS INFÂNCIAS

Denise Ferreira da Rosa; Marília Rodrigues Lopes Heman

5. FORMAÇÃO DOCENTE E CURRÍCULO INTEGRADO: TENSÕES E POSSIBILIDADES NO ENSINO MÉDIO

Deivid Buttinger Dutra de Oliveira; Aline de Oliveira Botega; Jaqueline Dutra de Oliveira

6. DE QUE SABERES SE CONSTITUI A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA SOBRE SER PROFESSOR(A) EM SITUAÇÕES ADVERSAS DE ENSINO

Crislaine Vargas Basso e Graziela Escandiel de Lima

7. OUVINDO COISAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE HISTÓRIAS DIVERSAS: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

Caroline Leonhardt Romanowski, Doris Pires Vargas Bolzan

8. TECENDO SENTIDOS DA INCLUSÃO: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO E COLABORAÇÃO ENTRE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL NA DOCÊNCIA ORIENTADA

Bruna Drumm Salem, Tânia Micheline Miorando

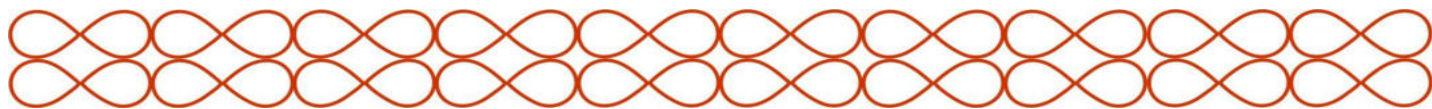
9. CAFÉ COM LETRAS: MUDANDO VIDAS DE TRABALHADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS

Bruna Monique Holzschuh; Jane Schumacher

10. A PRÁTICA EXTENSIONISTA NO PRÉ-UNIVERSITÁRIO ALTERNATIVA E A CONSTRUÇÃO DE UM EDUCADOR DE LÍNGUA PORTUGUESA AUTÔNOMO

Eduardo Brum de Lima; Vitória Carolini Ferraz Oliveira e Guilherme Carlos Corrêa

11. TECENDO SENTIDOS DA INCLUSÃO: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO E COLABORAÇÃO ENTRE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL NA DOCÊNCIA ORIENTADA



Bruna Drumm Salem; Tânia Micheline Miorando

12 ESTUDO NA EMEF PROFESSOR SÉRGIO LOPES: UMA PONTE PARA A AUTORIA
Jéssica Dalcin da Silva e Valeska Fortes de Oliveira



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

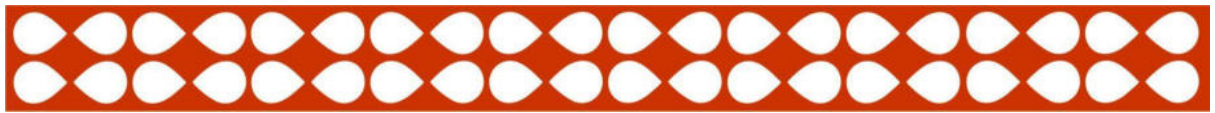
QUEM EU SOU AO FALAR DE MIM?

GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Elcí da Silva Tonetto
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
elcitonetto@gmail.com

Orientadora Helenise Sangoi Antunes

Olhar para dentro de si é sempre um exercício exigente — difícil, trabalhoso, e carregado de sentimentos e emoções. Implica confrontar memórias, revisitar dores e alegrias, e lidar com as imagens que construímos de nós mesmos. Quais aspectos da minha trajetória desejo revelar? O que, entre tantas lembranças, considero essencial compartilhar? Seria possível coordenar aquilo que imaginamos ser com o que efetivamente vivemos? Nesse movimento, a narrativa (auto)biográfica torna-se não apenas um relato, mas a conciliação entre o momento vivido e o lembrado. Para Josso (2004) a elaboração de um autorretrato constitui uma dimensão essencial na construção das histórias de vida. Ao narrar-se o sujeito assume o papel de protagonista e curador de sua própria narrativa, selecionando as vivências que deseja evidenciar. Mais do que descrever fatos, ele atribui valor e significado aos acontecimentos, distinguindo aqueles que se converteram em experiências marcantes. Assim, a história de vida deixa de ser apenas uma cronologia linear de eventos e passa a configurar-se como uma jornada subjetiva de autodescoberta, reconstrução da memória e atribuição de sentido à própria existência. A elaboração de um autorretrato é um mergulho profundo na complexidade do ser humano, reconhecendo a fluidez e a multiplicidade que o constitui. O indivíduo não é uma entidade singular, mas um mosaico de identidades que se sobrepõem e se influenciam mutuamente. Cada experiência vivida, seja ela marcante ou sutil, contribui para a sua



formação e a transformação. As interações sociais, os desafios enfrentados e os sucessos alcançados deixam marcas que moldam quem nos tornamos. As decisões que tomamos ao longo da vida também desempenham um papel crucial nessa construção. A cultura, a família, os grupos de amigos e o contexto social em que estamos inseridos exercem uma poderosa influência sobre nossa formação e contribuem para a maneira como nos percebemos e como somos percebidos.

Palavras Chaves: narrativas (auto)biográficas, autorretrato, histórias de vida.

JOSSO, M. C. Experiências de vida e formação. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. Editora Cortez. São Paulo. 2004.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Tecidos que cobrem, tecidos que revelam: inquietações sobre as relações ético-estéticas na formação de professores

GT 2: Narrativas e formação de professores

Douglas Vicente Leopold

*Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
douglasleopold13@gmail.com*

Letícia Beatriz Utzig

*Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
leticiautzig06@gmail.com*

Orientadora: Tânia Micheline Miorando

Teatro; acessibilidade; formação de professores.

Este resumo relaciona-se à pesquisa de mestrado em Educação que tem por objetivo investigar as relações éticas e estéticas na formação de professores de teatro, a partir de autonarrativas de formação na atuação da docência. A pesquisa é realizada por um professor de teatro atuante na escola e em projetos de extensão dentro da universidade, espaços nos quais percebe atravessamentos e onde busca ressignificar suas práticas. Desde o ano de 2023, o autor desenvolve aulas de teatro para pessoas com e sem deficiência em um projeto de extensão, no qual sua formação está em constante transformação e suas certezas são colocadas à prova em vários momentos. São estes momentos que reforçam a necessidade de observar as relações éticas e estéticas do trabalho de professor. Destas oficinas de teatro, também, foi construído um espetáculo que será disparador para a investigação da cena acessível e da relação com o público. O material que dará suporte para esta pesquisa serão relatórios do processo das oficinas e dos compartilhamentos do espetáculo.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Chegando na licenciatura em Dança: pistas sobre motivações, expectativas e concepções iniciais de pessoas ingressantes e egressas

Eixo: GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Djenifer Geske Nascimento
UFSM, Programa de Pós-Graduação em Educação
djenifergeskenascimento@gmail.com

Siane Bolzan Colpo
Egressa do curso de Dança-Licenciatura
sianebolzan@gmail.com

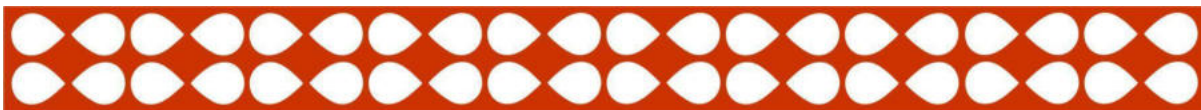
Adrian Róbson Cabral dos Santos
UFSM, Dança- licenciatura
adrian.santos@acad.ufsm.br

Orientadora Mônica Corrêa de Borba Barboza
UFSM, docente do Programa de Pós-graduação em Educação e curso de Dança-
Licenciatura
monica.cborba@gmail.com

A presente escrita se origina de estudos conduzidos pelo “NÓS! Grupo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores(as) de Dança”. Apresentaremos uma mescla de percepções compartilhadas por pessoas egressas do curso de Dança-licenciatura da UFSM e ingressantes que participam do nosso coletivo. Para esse momento, nos deteremos a apresentar um recorte, uma análise acerca das motivações, expectativas e suas primeiras impressões do curso. Dentre os achados, nos chama a atenção que praticamente nenhuma teve experiência com Dança dentro do currículo escolar. Um número grande destas pessoas teve formação pregressa em ambientes não-formais. Algumas nutriam o sonho de estudar Dança e por falta de acesso não puderam viver esta experiência antes da universidade. Em relação às motivações que levaram à escolha desta formação, algo nos parece característico da área: a maioria não possuía consciência do que era um curso de licenciatura e temiam o teste prático do bacharelado. Em relação às expectativas, algumas esperavam ter uma formação voltada ao entretenimento e/ou que contemplassem diferentes modos de se fazer Dança. No entanto, ao chegar no curso se deparam com uma configuração diferente: receberam uma formação focada no espaço escolar, ao mesmo tempo em que não se tinha uma estrutura com referências concretas anteriores na cidade. Com falta de professores, os primeiros estudantes da licenciatura tinham contato inicial com docentes do Bacharelado. Relatam também ter sofrido um choque cultural: manifestações de rua, orientais, afro-brasileiras e de

salão, eram praticamente invisíveis no currículo. Ao mesmo tempo, contam que puderam ampliar os seus repertórios e perspectivas, tendo havido contribuição em sua formação. Após esse período, em 2019, houve uma reforma curricular amplamente discutida e com a inserção de novas disciplinas, os estudantes relatam ter uma formação mais completa e diversa. Eles destacam a importância de um olhar atento direcionado também às abordagens dos docentes.

Palavras chave: Formação de Professores; Dança-Licenciatura; Narrativas.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

EXPERIÊNCIAS NA E COM A NATUREZA: MEMÓRIAS DE ESCOLAS DA E PARA AS INFÂNCIAS

Eixo: GT 2 – Narrativas e Formação de Professores

Denise Ferreira da Rosa

UFSM, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação

denisef.darosa@gmail.com

Marília Rodrigues Lopes Heman

UFSM, Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação

ma.riliaheman@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo enunciar memórias de cenas do vivido e habitado em espaços-tempo de Escolas de Educação Infantil em Santa Maria / RS, retratadas por registros fotográficos, e que dizem das experiências cotidianas corriqueiras, tanto planejadas quanto improvisadas, e apresenta as interações e as brincadeiras infantis seja por intencionalidades pedagógicas ou por tempo livre, numa relação heurística com e na natureza. Tais intencionalidades para o não-emparedamento da 'sala de aula' e como possibilidade de apresentar, promover e potencializar outras formas de brincar e de brinquedo: experiências de práticas e de momentos que ultrapassam os limites do espaço físico interno e restrito, e possibilitam vidas criativas e inventivas da, para e com as crianças. Experiências, possibilidades e acontecimentos do fazer-fazendo na escola da e para as infâncias, como espaço/s-tempo/s institucional/ais onde habitam crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses - 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos - 5 anos e 11 meses), conforme os parâmetros da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), que assim, configuram a primeira etapa da Educação Básica por uma não-escolarização, mas de educação e cuidado para com elas. Espaço/s-tempo/s, de âmbito e fomento público, que garante/m e promove/m a Educação Infantil no dia a dia, conforme as diretrizes nacionais e os documentos político-legais, e cunham o coletivo para um fazer-escola na/s relação/ões cotidiana/s crianças-adultos - adultos-crianças.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Escola da Infância. Natureza.



Formação Docente e Currículo Integrado: Tensões e Possibilidades no Ensino Médio

GT: 2 - Narrativas e Formação de Professores

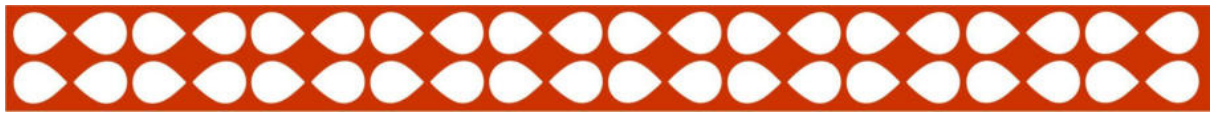
Deivid Buttinger Dutra de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação - Doutorado
deivid.oliveira@iffarroupilha.edu.br

Aline de Oliveira Botega
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação - Doutorado
alinebotega@gmail.com

Jaqueline Dutra de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação - Doutorado
jaqueline Dutra de Oliveira@gmail.com

Palavras-chave: currículo integrado; formação docente; prática pedagógica.

A implementação do currículo integrado no ensino médio brasileiro, particularmente nos Institutos Federais, revela um campo fértil de tensões e possibilidades para a formação docente. Este trabalho problematiza os desafios enfrentados por docentes na construção de práticas pedagógicas que superem a histórica fragmentação entre formação geral e profissional, articulando trabalho, ciência e cultura como pilares indissociáveis da educação emancipatória. Partindo do referencial teórico de Frigotto, Ciavatta e Ramos (2010) sobre a formação integrada como resistência à lógica utilitarista, e de Sacristán (2013) acerca do currículo como projeto político, a reflexão se organiza em três eixos centrais: (1) as competências docentes necessárias para implementar um currículo que integre conhecimentos científicos e saberes práticos; (2) os tensionamentos entre o projeto formativo omnilateral e as demandas imediatistas do mercado de trabalho; e (3) as experiências formativas que têm buscado superar a dicotomia entre conhecimento técnico e formação humana integral. A análise revela que a efetivação do currículo integrado exige dos professores não apenas domínio interdisciplinar dos conteúdos, mas



sobretudo uma postura crítica capaz de mediar as contradições inerentes ao sistema educacional brasileiro. Nesse sentido, questionamos: Como os processos formativos - tanto iniciais quanto continuados - podem preparar os educadores para atuar perante esses desafios? Quais estratégias pedagógicas têm se mostrado eficazes para conciliar a formação técnica com o desenvolvimento do pensamento crítico? Como provocação final, propomos refletir sobre os caminhos para uma formação docente inicial e continuada que não se limite à transmissão de conteúdos, mas que fortaleça os docentes como intelectuais transformadores, capazes de ressignificar o currículo integrado como espaço de construção de conhecimentos e de emancipação humana. Convidamos ao debate sobre como reinventar as práticas formativas à luz dos princípios da educação integral, considerando os desafios postos pela realidade das escolas e dos Institutos Federais na contemporaneidade.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

DE QUE SABERES SE CONSTITUI A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL? UMA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA SOBRE SER PROFESSOR(A) EM SITUAÇÕES ADVERSAS DE ENSINO

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Crislaine Vargas Basso
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
crislaine.basso@acad.ufsm.br

Orientadora Prof^a. Dr^a. Graziela Escandiel de Lima

Esta escrita objetiva discutir os diferentes saberes, entre eles, a experiência pessoal, como possibilidade formativa e de produção de conhecimento pedagógico sobre a docência na Educação Infantil. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa em que além de uma narrativa (auto)biográfica, se fazem fundamentais algumas contribuições teóricas, como de Staccioli (2013) e Tardif (2014). A narrativa faz referência às enchentes que ocorreram no Estado do Rio Grande do Sul, em maio de 2024. A pesquisadora atuava na Educação Infantil, em uma turma de pré-escola na qual cinco crianças foram afetadas. A narrativa (auto)biográfica da professora iniciante descreve o quanto foi desafiador vivenciar aquele momento, acolher e acompanhar o retorno das crianças, os medos, a ansiedade, a angústia das perdas (da casa, dos brinquedos, dos animais de estimação...) e entender que as crianças precisam de um olhar sensível e compreensivo. Importante refletir sobre quais saberes constituem a docência na Educação Infantil, entendendo que esses não se encontram, exclusivamente, na formação inicial e podem ser constituídos a partir experiências vivenciadas ao longo da carreira. Através do estudo, entende-se a essencialidade de um *saber-fazer* sensível e acolhedor, que nas diferentes situações, é necessário estar *ao lado das crianças*. A narrativa apresentada enseja a valorização da prática docente como espaço de produção de saberes e reconhece a importância do acolhimento e da escuta no contexto da Educação Infantil.

Palavras-chave: Saberes docentes; Educação Infantil; narrativas (auto)biográficas; situações adversas.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

OUVINDO COISAS SOBRE A IMPORTÂNCIA DE HISTÓRIAS DIVERSAS: FORMAÇÃO DE PROFESSORES, LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

Eixo: Narrativas e Formação de Professores

Caroline Leonhardt Romanowski
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação
caroline.leo.ro@gmail.com

Doris Pires Vargas Bolzan 1
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação
dbolzan19@gmail.com

Vocês já ouviram falar em decolonialidade, antirracismo e relações étnico-raciais? E a importância desses conceitos e narrativas para o trabalho pedagógico realizado nas escolas das infâncias. É com o objetivo de relatar e discutir sobre estes conceitos por meio de uma experiência vivida com um grupo de professoras e professores da rede municipal de ensino de Santa Maria/RS no Núcleo de Pesquisa das Infâncias (NUPI) que este trabalho se inicia. O grupo de pesquisa intitulado Caminhos da pesquisa: Literatura Infantil e as Relações Étnico-Raciais ocorreu no segundo semestre de 2024 no formato de três encontros aos quais tiveram como objetivo geral, difundir a temática das relações étnico-raciais e promover um espaço de reflexão sobre a importância da seleção literária adequada e diversa para as escolas das infâncias, criando assim uma rede de apoio para auxiliar as professoras e professores em suas práticas pedagógicas, buscando promover a difusão das ideias de decolonialidade, antirracismo e as relações étnico-raciais nos currículos e práticas escolares. Para tanto foi realizado uma revisão das legislações que amparam e determinam a obrigatoriedade do trabalho com a História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena em toda a educação básica brasileira e trabalhando autoras como Chimamanda Ngozi Adichie (2019), Andressa Reis (2021), Bárbara Carine (2023) (2024) e Emilia Machado [et al] (2012). Com este espaço de formação continuada buscamos promover uma transformação, sabemos que inicial, do olhar para nós mesmos, do nosso país, um país diverso de tantas texturas, cores, formas, cheiros, cores e tons e compreendermos que é nesta diversidade que está nosso potencial e riqueza e que tudo isso precisa estar nas escolas das infâncias para que todas as crianças sejam empoderadas e valorizadas se reconheçam nas brincadeiras, histórias, brinquedos e conhecimentos desenvolvidos, buscando assim



uma descolonização das narrativas, das práticas, currículos, diretrizes e documentos orientadores.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

CAFÉ COM LETRAS: MUDANDO VIDAS DE TRABALHADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Bruna Monique Holzschuh
Universidade Federal de Santa Maria, Pedagogia Licenciatura Plena Diurna
bruna.holzschuh@acad.ufsm.br

Jane Schumacher
Professora Doutora do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de
Educação - Chefe do observatório de Direitos Humanos da UFSM.
jane.schumacher@ufsm.br

A alfabetização na idade certa constitui um direito fundamental assegurado a todos os cidadãos que vivem no território brasileiro. Entretanto, nem todos têm acesso a esse direito durante a infância, o que nos leva à reflexão: o que acontece com aqueles que, por diversos motivos ao longo de sua trajetória escolar, foram privados dessa oportunidade? Alfabetizar adultos é um processo de inclusão social que busca resgatar o protagonismo e a autonomia de pessoas historicamente subalternizadas, integrando-as à sociedade letrada e retomando o poder de ação de grupos marginalizados. O projeto *Café com Letras* visa o enfrentamento dessa realidade, resultante da parceria entre a Associação dos Seleccionadores de Material Reciclável de Santa Maria (Asmar) e o Observatório de Direitos Humanos (ODH) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A iniciativa objetiva alfabetizar oito adultos, que representam uma somatória de aproximadamente 11,4 milhões de brasileiros adultos que permanecem analfabetos atualmente. Como referencial teórico usamos os princípios Freire (1989), Soares (2003), Ferreiro (1985) entre outros. Como metodologia da ação tem-se princípios da pesquisa qualitativa tendo como base o relato de experiência para o levantamento dos dados. Os resultados indicam que, para além de ensinar habilidades básicas de leitura e escrita, o projeto propõe a ocupação de espaços sociais por parte de populações invisibilizadas a partir do respeito pelas trajetórias de vida de cada sujeito. Ao associar o processo de letramento aos seus contextos sociais, a iniciativa fortalece os saberes culturais comunitários já presentes em suas experiências anteriores. Conclui-se que a potência presente nesse projeto é perspectivada na forma como os trabalhadores reconhecem-se como agentes ativos do processo de construção de conhecimento, e reescrevem suas histórias com o vislumbre de novas possibilidades que a leitura e a escrita podem proporcionar para o seu crescimento pessoal no próprio ambiente de trabalho dos envolvidos.

Palavras Chaves: Alfabetização de adultos; Associação de Materiais Recicláveis; Formação de professores.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

ESTUDO NA EMEF PROFESSOR SÉRGIO LOPES: UMA PONTE PARA A AUTORIA

Eixo: GT 2.4 - Narrativas e Formação de Professores

Jéssica Dalcin da Silva
UFSM, Doutora em Educação pelo PPGE
jessicabertol@yahoo.com.br

Valeska Fortes de Oliveira
(orientadora)

O presente trabalho traz uma discussão que parte do espaço escolar da EMEF Professor Sérgio Lopes, situada em Santa Maria, RS, Brasil. O método utilizado, a Cartografia, aliado aos desenvolvimentos castoriadianos sobre: imaginário, instituído, instituinte, devir, autonomia (heteronomia/anomia) e magma, constitui a discussão sobre um espaço não apenas físico, mas imaginado, criado de forma compartilhada entre docentes, técnicos, estudantes e famílias. A potencialização dos conceitos de autor e autoria no fazer diário permitem que a escola se transforme em espaço comunitário e de amparo social de saúde, lazer; ou seja, enquanto centro de referência para além do que é compreendido de forma administrativa ou legislativa pela estrutura instituída. Com respaldo de entrevistas e testemunhos, passar por uma escola de postura instituinte constrói sujeitos também instituintes, que se autorreferem como 'diferentes'. De forma magmática, o sujeito 'diferente' se coloca no social em busca de questões inicialmente periféricas, e busca coloca-las no centro da discussão, causando transformações reais porque não se entende em um local fixo, mas volante, como verdadeiro produtor de devires.

Palavras-chave: autoria docente, espaço escolar, cartografia.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

A PRÁTICA EXTENSIONISTA NO PRÉ-UNIVERSITÁRIO ALTERNATIVA E A CONSTRUÇÃO DE UM EDUCADOR DE LÍNGUA PORTUGUESA AUTÔNOMO.

GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Eduardo Brum de Lima
Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Letras Português
eduardo-lima.el@acad.ufsm.br

Vitória Carolini Ferraz Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, Licenciatura em Letras Português
Vitoriacarolini.fo@gmail.com

Orientador Guilherme Carlos Corrêa

Sabemos que grande parte dos professores em formação tem sua iniciação no mundo docente a partir de sua inserção em escolas de educação básica em estágios ou projetos coordenados por professores universitários, de modo que sua reflexão e prática do fazer docente fica, muitas vezes, enviesada pela ótica desse orientador. Nesse sentido, é necessário nos questionarmos: até que ponto esse supervisionamento do educador em formação é, de fato, edificante na construção de sua autonomia? Na Universidade Federal de Santa Maria, uma das opções para a entrada do educador em sala de aula, fora desses padrões de vigilância, são os pré-universitários populares, espaços que em sua origem já preveem uma troca de aprendizados na relação educador-educando e a promoção da autonomia. Esse passo fora do ambiente, propriamente, universitário proporciona uma experiência muito autêntica e criativa ao processo de o sujeito descobrir-se educador, assim, numa imersão própria no caminho de sua formação. Desse modo, refletimos quanto à nossa construção enquanto professores de Língua Portuguesa dentro do espaço proporcionado pelo Programa Pré-Universitário Popular Alternativa, em que dispomos de autonomia na elaboração de aulas, materiais e projetos, e pelos quais conseguimos, a partir de sua realização, fazer desenvolver verdadeiras autorreflexões de nossa prática docente, de forma a aprimorá-la e consolidá-la.

PALAVRAS-CHAVE: Extensão; educação popular; prática docente.

8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

TECENDO SENTIDOS DA INCLUSÃO: NARRATIVAS DE FORMAÇÃO E COLABORAÇÃO ENTRE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL NA DOCÊNCIA ORIENTADA

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

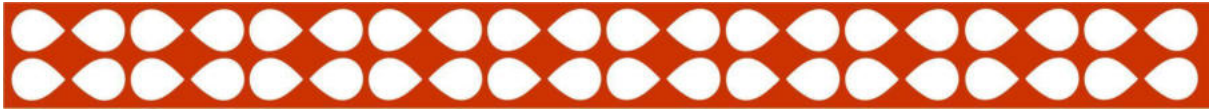
Bruna Drumm Salem
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
brusalemm@gmail.com

Tânia Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
tania.miorando@ufsm.br

Este trabalho relata a experiência de docência orientada no curso de Pedagogia da UFSM. Objetiva compreender como a colaboração da Pedagogia e a Educação Especial pode fortalecer práticas pedagógicas inclusivas e colaborativas no contexto educacional. A pesquisa se fundamenta na metodologia qualitativa e na abordagem narrativa, inspirada em Josso (2010), Clandinin e Connelly (2011), Mendes (2014) e Freire (2016), permitindo compreender, a partir das práticas na docência orientada, as experiências vividas pelos/as licenciandos/as. Busca-se identificar o que a Pedagogia entende por práticas educacionais inclusivas, investigando como a formação inicial contribui para sua efetivação e para a colaboração entre professores da Educação Especial e do ensino comum. O campo de pesquisa incluiu uma turma da Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), utilizando como instrumentos narrativas, relatos, observações, rodas colaborativas, resumos expandidos e cenas de inclusão e não inclusão. As rodas dialógicas revelam as dinâmicas, desafios e potencialidades da formação para a colaboração e uma educação inclusiva, permitindo captar as percepções dos/as professores/as em formação. Em rodas de conversa, os educadores compartilham vivências relacionadas à inclusão e às dificuldades enfrentadas para garantir a participação efetiva de todos/as os/as alunos/as no ambiente escolar. Buscamos compreender questões como: De que maneira as instituições formadoras, como as universidades, podem configurar sua organização curricular e práticas formativas para reduzir a desconexão entre o discurso favorável à inclusão e as realidades vivenciadas nas escolas, considerando as demandas específicas do contexto educacional brasileiro? Seria possível? Este estudo reforça a importância da escuta ativa, da valorização da diversidade como componentes essenciais para a construção de uma educação inclusiva e um ensino colaborativo mais fortalecido e articulado entre a Pedagogia e a Educação Especial. Os resultados indicam que a formação inicial, quando sensível e colaborativa, potencializa a construção de práticas inclusivas reais e transformadoras.

Palavras-chave: Narrativas de formação, Educação inclusiva, Ensino colaborativo





8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

**ESTUDO NA EMEF PROFESSOR SÉRGIO LOPES:
UMA PONTE PARA A AUTORIA**

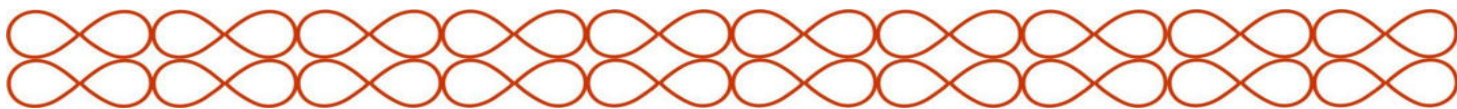
Eixo: GT 2.4 - Narrativas e Formação de Professores

Jéssica Dalcin da Silva
UFSM, Doutora em Educação pelo PPGE
jessicabertol@yahoo.com.br

Valeska Fortes de Oliveira
(orientadora)

O presente trabalho traz uma discussão que parte do espaço escolar da EMEF Professor Sérgio Lopes, situada em Santa Maria, RS, Brasil. O método utilizado, a Cartografia, aliado aos desenvolvimentos castoriadianos sobre: imaginário, instituído, instituinte, devir, autonomia (heteronomia/anomia) e magma, constitui a discussão sobre um espaço não apenas físico, mas imaginado, criado de forma compartilhada entre docentes, técnicos, estudantes e famílias. A potencialização dos conceitos de autor e autoria no fazer diário permitem que a escola se transforme em espaço comunitário e de amparo social de saúde, lazer; ou seja, enquanto centro de referência para além do que é compreendido de forma administrativa ou legislativa pela estrutura instituída. Com respaldo de entrevistas e testemunhos, passar por uma escola de postura instituinte constrói sujeitos também instituintes, que se autorreferem como 'diferentes'. De forma magmática, o sujeito 'diferente' se coloca no social em busca de questões inicialmente periféricas, e busca colocá-las no centro da discussão, causando transformações reais porque não se entende em um local fixo, mas volante, como verdadeiro produtor de devires.

Palavras-chave: autoria docente, espaço escolar, cartografia.



GT 2 - NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRUPO 5 - SALA 23 Prédio 16B - Centro de Educação

MEDIADORAS: Regina e Joceane

O grupo Narrativas e Formação propõe-se a reunir investigadoras(es) que apresentem reflexões no campo da formação inicial e continuada em diferentes níveis, considerando as narrativas como importante elemento para a constituição dos saberes e práticas docentes.

1.MINICURSO DE CENOGRAFIA PARA O CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO: CONCEPÇÃO E MONTAGEM

Charles de Almeida Ferreira; Mylena Roehrs; Samara Baggiott; Josicler Orbem Alberton

2.TEMPOS E DOCÊNCIAS: UMA FORMAÇÃO EM MOVIMENTO

Arielli Rodrigues; Edite Fabiana Schultz Trost; Tania Micheline Miorando

3.NA ENCRUZA: EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Andressa Silveira Vargas; Sabrina Daniana da Rosa

4.TERRITÓRIOS EM DISPUTA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ENTRE ORIGENS, DIGITALIDADES E DOMÍNIOS ARTIFICIAIS

André Luis Porto Macedo; Maristani Polidori Zamperetti

5.O GEPEIS COMO COMUNIDADE

Silvania Regina Pellenz Irgang; Valeska Fortes de Oliveira

6.PRÁTICAS QUE SE REINVENTAM: FORMAÇÃO CONTINUADA E TECNOLOGIAS MULTIMÍDIA

Rafaela Andrade de Oliveira; Simone Regina Ceolin

7.FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ARTICULAÇÕES ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA NA EXPERIÊNCIA DO COLETIVO FLUIR

Marcia Pires Cardona; Denise Ferreira da Rosa; Bárbara Alves dos Santos; Taciana Camera Segat

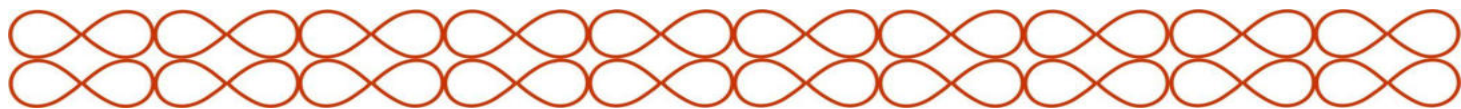
8.OFICINA DE DRAMATURGIA PARA PÓS-GRADUANDOS EM ARQUITETURA

Brenda Muller Pousada; Charles de Almeida Ferreira; Josicler Orbem Alberton

9.MEMÓRIAS QUE FICAM EM UM IMAGINÁRIO POÉTICO, SOLITÁRIO E DOCENTE: QUESTIONAMENTOS E INQUIETAÇÕES

Ângela Cristina Curcino Garcia; Carla Tatiana Flores Carvalho; Tania Micheline Miorando

10.DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NOS PROCESSOS INCLUSIVOS EM SALA DE AULA



Joceane Santos Dornelles; Adriano Edo Neuenfeldt; Paulo Henrique Vieira de Macedo; Tania Micheline Miorando.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Minicurso de cenografia para o Curso de Arquitetura e Urbanismo: concepção e montagem

GT: 2 – Narrativas e Formação de Professores

Charles de Almeida Ferreira

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
chprojetos.arquitetura@gmail.com*

Mylena Roehrs

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
mylenaaaaa@gmail.com*

Samara Baggiott

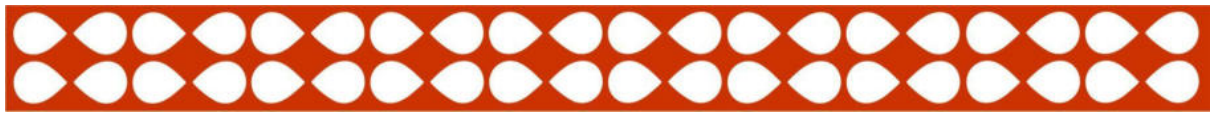
*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
samarabaggiotto07@gmail.com*

Profa. Dra. Josicler Orbem Alberton

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
josicler.alberton@ufsm.br*

TEATRO DE PAPEL; ARQUITETURA; TEATRO DE ANIMAÇÃO

A cenografia é parte do campo de trabalho do arquiteto. Embora não catalogada na resolução nº 21 que trata das atividades e atribuições profissionais do arquiteto e urbanista, é uma área de atuação de importantes arquitetos, onde se destaca, entre outros, os trabalhos de Lina Bo Bardi e José Carlos Serroni. A proposta do Núcleo de Estudos e Experimentações do curso de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UFSM tem como objetivo planejar as atividades que serão realizadas durante um minicurso que objetiva estimular a imaginação e a ludicidade por meio da criação de um microespaço para teatro de animação e para a elaboração de um espetáculo de teatro de papel vinculado à temática da arquitetura. A cenografia no teatro de papel engloba a criação do ambiente cenográfico, das personagens e do figurino, pois estes elementos são partes do mesmo fazer artístico do espetáculo. A expressão gráfica pode ser aplicada por técnicas diferenciadas como o desenho, a colagem, a dobradura ou outros recursos que auxiliem na contação de histórias. Os métodos de planejamento e de elaboração do espetáculo são semelhantes aos processos de criação e de execução de outras formas de expressão artística. Essa premissa resulta na interrogação: O exercício da criatividade como ferramenta de



criação de espaços cênicos e o desenvolvimento das habilidades para a composição de dramaturgias auxiliam na concepção e planejamento de obras de arte? O minicurso se propõe a estudar a contribuição dos exercícios interdisciplinares entre a arquitetura e o teatro, com enfoque na cenografia, temática que lhes intersecciona, para o exercício da construção do imaginário como auxílio do processo criativo e discutir se a imaginação, quanto habilidade do artista, pode ser desenvolvida por atividades relacionadas entre diferentes formas de arte.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

TEMPOS E DOCÊNCIAS: UMA FORMAÇÃO EM MOVIMENTO

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Arielli Rodrigues

Universidade Federal de Santa Maria, do Curso de Educação Especial

arielli.rodrigues@acad.ufsm.br

Edite Fabiana Schultz Trost

Universidade Federal de Santa Maria, do Curso de Educação Especial

fabiana.trost@acad.ufsm.br

Orientadora: Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

tania.miorando@ufsm.br

O trabalho que apresento discute a formação de professores na travessia de nossos tempos. Parto das minhas memórias da escola, resignificando-as na licenciatura em Educação Especial. Tenho por objetivo identificar como as narrativas autobiográficas de formação para docência, a partir de minhas memórias de escola e de minhas vivências, influenciam na minha formação. Durante meu processo formativo passei por experiências em diversas escolas onde fui resignificando meu olhar sobre a docência. Também neste processo fui desconstruindo minha forma de pensar a educação. Neste estudo trago minha história e minhas memórias de ontem e hoje, realizando um cruzamento sobre uma escola que não atravessa os tempos, uma escola que passou por algumas transformações, mas que ainda tem resquícios de uma educação bancária. A metodologia se dando por narrativas autobiográficas das memórias de formação sobre a escola de ontem e hoje, em uma pesquisa do tipo qualitativa, que consiste no estudo de minhas memórias e experiências durante a formação. O estudo apresenta resultados parciais, pois a investigação encontra-se em andamento. Ainda estão sendo efetuadas leituras acerca da temática e observações nos espaços escolares e nas atividades realizadas nas escolas projetos e espaços. Também realizo uma reflexão interna a partir das memórias de minha trajetória acadêmica com minhas atuações em escolas e com minha volta às memórias lá vivenciadas. A partir destas observações e reflexões me coloco a pensar sobre os processos formativos para a docência e como dar sentido à minha própria docência e minhas práticas de atuação na educação e nos processos inclusivos ao atravessar os tempos.

Palavras-chave: Memórias; Docência; Formação de Professores.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

NA ENCRUZA: Educação para as relações étnico-raciais

Eixo:

GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Andressa Silveira Vargas
Instituto Federal Farroupilha
andressa.silveira@iffarroupilha.edu.br

Sabrina Daniana da Rosa
Instituto Federal Farroupilha
sabrina.rosa@iffarroupilha.edu.br

Que histórias são silenciadas quando se define quem pertence ao "centro"? Quais saberes resistem nas margens, encruzilhadas urbanas e fronteiriças? O presente resumo anuncia o projeto de extensão *Na Encruza: Educação para as Relações Étnico-Raciais*, desenvolvido pelo Instituto Federal Farroupilha - campus São Borja, com professores da rede pública de ensino do município. Esta iniciativa que, ancorada na Lei nº 10.639/03 e em autores como Asante, Munanga e Nilma Lino Gomes, propõe deslocar o olhar pedagógico para práticas afrocentradas e antirracistas. O projeto foi forjado a partir de observações de que, em muitas escolas públicas, ações como as realizadas no Dia da Consciência Negra, muitas vezes, reforçam estereótipos ao invés de combatê-los, refletindo assim uma formação docente ainda marcada por lacunas e preconceitos. Tomando as margens como centro e as encruzilhadas como ponto de partida, o projeto propõe escutas e ações de extensão a partir de rodas formativas, oficinas, palestras e produção de materiais que contribuam para a divulgação e fortalecimento de uma rede de professores antirracistas e comprometidos com práticas afrocentradas. E é justamente na encruzilhada — lugar de saber, encontro, escolha, reinvenção e caminhos — que firmamos este projeto: como território de memórias, resistências e problematizações, e lançamos a provocação: Como criar escolas que não apenas falem de diversidade, mas sejam forjadas por ela?

Palavras-chave: Educação para as relações étnico-raciais; Antirracismo; Formação docente;



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

TERRITÓRIOS EM DISPUTA: A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ENTRE ORIGENS, DIGITALIDADES E DOMÍNIOS ARTIFICIAIS

Eixo2: Narrativas e Formação de Professores

André Luis Porto Macedo

*UFPel, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação
andremace@gmail.com*

Orientadora: Dra Maristani Polidori Zamperetti

Este trabalho discute as territorialidades implicadas na formação do professor a partir de uma abordagem que contrapõe os territórios de origem e os territórios digitais às chamadas territorialidades artificiais — espaços de controle e normatização da experiência formativa, como a sala de aula convencional. Parte-se da hipótese de que os espaços formativos tradicionais operam como dispositivos de apagamento da singularidade, instaurando uma territorialidade temporal marcada pela submissão, pelo silenciamento das narrativas locais e pela padronização dos corpos e dos saberes. Em oposição, os territórios de origem — definidos aqui como os espaços existenciais e afetivos nos quais o sujeito se constitui em sua historicidade e pertencimento — oferecem substratos vitais para práticas pedagógicas enraizadas na cultura, na memória e no afeto. Já os territórios digitais, embora frequentemente capturados por lógicas algorítmicas e mercadológicas, também podem ser reapropriados como ambientes de insurgência e colaboração, a depender da mediação pedagógica. O estudo propõe, assim, uma reflexão sobre a necessidade de deslocamento epistemológico na formação docente: sair dos espaços de controle para reencontrar o chão vivo da experiência, onde o pensamento se dá como relação situada, corpo presente e abertura à escuta intersubjetiva. A partir de autores como Milton Santos, Antonio Bispo dos Santos, Merleau-Ponty e Maristani Zamperetti, argumenta-se que reconhecer os professores como sujeitos territoriais — e não apenas funcionais — é condição para uma educação que não apaga, mas ativa a potência criadora das existências locais.

Palavras-chave: territorialidade, formação docente, territórios de origem, digitalidade, controle escolar



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

O GEPEIS COMO COMUNIDADE

Eixo: GT2 Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Silvania Regina Pellenz Irgang
UFFS, UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
regina.uffs@gmail.com

Valeska Fortes de Oliveira
UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Educação
vfortesdeoliveira@gmail.com

Resumo: O Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social (GEPEIS) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em seus 30 anos de atuação tem contribuído com a discussão e a visibilidade para a diversidade de temas relacionados à educação e a formação de professores. O grupo agrega acadêmicos da graduação, da pós-graduação e professores de escolas que tem o desejo de encontrar num grupo a possibilidade de formação continuada e de troca de saberes. O objetivo deste trabalho é refletir sobre o modo do GEPEIS existir e impactar a vida e a formação daqueles que passam por ele, construindo assim uma comunidade. Metodologicamente, nos ancoramos na pesquisa qualitativa e bibliográfica para discutir temas como: dispositivo grupal, imaginário social e formação de professores. Estes temas por sua vez, nos convidam para leituras com Marta Souto (2019), Valeska Fortes de Oliveira (2011), Cornelius Castoriadis (1982), António Nóvoa (2023), Bell Hooks (2021), dentre outras e outros que nos movem enquanto sujeitos da educação. O grupo como um dispositivo formativo constitui aprendizagens potentes e simbólicas no trajeto dos participantes e a produção de sentidos permite ensinar e criar uma conexão entre os sujeitos, de modo que o grupo passa a ser o lugar de pertencimento de uma comunidade. Aproximando do pensamento de Bell Hooks (2021), o grupo pode ser considerado um lugar para reconstituir a consciência coletiva do espírito de comunidade, do ensinar e do aprender junto. O GEPEIS busca instituir outros modos de existir na educação e pela força criativa das relações sociais se aproxima do sentimento de comunidade, porque busca aprender uns com os outros em prol de uma educação para a diversidade, para a escuta sensível e para os afetos, como atos comprometidos com a comunidade, como laço que nos conecta.

Palavras-chave: grupo de pesquisa; formação de professores; imaginário social.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

PRÁTICAS QUE SE REINVENTAM: FORMAÇÃO CONTINUADA E TECNOLOGIAS MULTIMÍDIA

GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Rafaela Andrade de Oliveira
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de
Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica
rafaela-oliveira.1@acad.ufsm.br

Simone Regina Ceolin

Resumo: A transformação digital já é uma realidade que impacta diretamente as práticas educacionais. As tecnologias multimídia, que integram áudio, vídeo, imagens e textos, oferecem novas possibilidades para tornar o ensino mais envolvente, imersivo e adaptado às diferentes formas de aprendizagem dos estudantes. No entanto, a grande questão é como levar essas ferramentas para a sala de aula de maneira eficaz, considerando que muitos educadores não têm acesso à formação continuada necessária para aplicar essas tecnologias com propósito pedagógico. O simples uso das tecnologias multimídia podem não ser suficientes. É preciso que os professores compreendam como essas ferramentas podem ser integradas de maneira significativa ao currículo e às práticas de ensino. Isso requer mais do que o aprendizado das funcionalidades das ferramentas; é essencial que os educadores consigam adaptá-las aos contextos e necessidades dos alunos, criando experiências de aprendizagem que realmente despertem o interesse e promovam o engajamento. A formação continuada surge como uma resposta fundamental para esse desafio. Investir em programas de capacitação que atendam às diferentes realidades dos educadores permite que eles se apropriem das tecnologias multimídia de forma estratégica e criativa. Ao oferecer espaços para reflexão e troca de experiências, é possível ajudar os professores a transformar sua prática pedagógica, tornando as tecnologias ferramentas que enriquecem a aprendizagem de forma efetiva.

Palavras-chave: formação continuada; tecnologias multimídia; práticas pedagógicas



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ARTICULAÇÕES ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA NA EXPERIÊNCIA DO COLETIVO FLUIR¹

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

*Marcia Pires Cardona
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação/PPGE – Doutorado
E-mail: mcardonix@gmail.com*

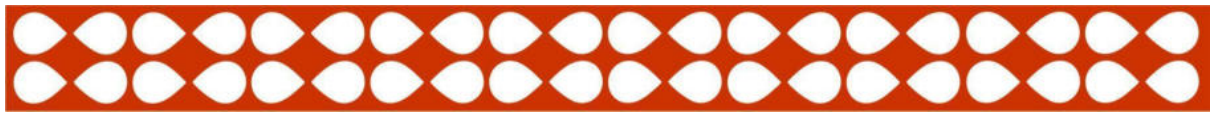
*Denise Ferreira da Rosa
Universidade Federal de Santa Maria, do Programa de Pós-Graduação em
Educação/PPGE – Doutorado Bolsista Capes/DS
E-mail: denise.rosa@ufsm.br*

*Bárbara Alves dos Santos
Universidade Federal de Santa Maria, Curso de Pedagogia - Diurno
E-mail: barbara.alves@acad.ufsm.br*

*Orientadora: Taciana Camera Segat
Universidade Federal de Santa Maria, Departamento de Metodologia do Ensino.
Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional/PPPG.
E-mail: tcamerasegat@gmail.com*

Esse trabalho consiste numa reflexão sobre as ações realizadas pelo Projeto de Extensão “Coletivo Fluir: Territórios Educativos Intersetoriais de Ações e Políticas em defesa das crianças em contextos vulneráveis”, na EMEI Montanha Russa (Santa Maria/RS). A partir das atividades desenvolvidas, uma questão nos mobiliza: como articular a formação inicial, a formação na pós-graduação e a formação continuada de professores no contexto escolar? Para tanto, temos buscado articular ações extensionistas com as práticas vivenciadas no contexto escolar. O objetivo geral é conhecer, compreender e articular ações e políticas focadas em defender as crianças em situações de vulnerabilidade, tornando o espaço educativo um território de possibilidades para a inclusão, formação e defesa das crianças. As ações se consolidam como espaço de encontros, experimentações e aprendizagens compartilhadas entre estudantes da graduação, pesquisadoras da pós-graduação (professores e acadêmicos) da Educação, Psicologia, Saúde, Artes, Arquitetura e Tecnologias e professoras da escola. Estas ações do projeto são desenvolvidas através de Territórios Educativos Intersetoriais: TEI 1 - Crianças, famílias, escola, comunidade local; TEI 2 - Formação da comunidade escolar; TEI 3 - Gestão

¹ Trabalho escrito a partir das vivências nas ações do Projeto de Extensão “Coletivo Fluir: Territórios Educativos Intersetoriais de Ações e Políticas em defesa das crianças em contextos vulneráveis”, financiado pelo Programa PROEXT – PG UFSM Além do Arco, no qual atuamos como extensionistas.



educacional e políticas públicas; TEI Andarilho: Coletivo Fluir em Movimento. No cotidiano das ações buscamos construir práticas formativas colaborativas que rompam com a lógica fragmentada entre universidade e escola, entre teoria e prática. Os momentos de interação na escola evidenciaram a demanda por formação continuada identificada através dos diálogos com as professoras que demonstraram interesse em participar do projeto. Já os processos formativos que envolvem os acadêmicos da pós-graduação, ocorrem desde a observação das demandas no contexto das escolas até o planejamento das ações e organização do projeto. Assim, a experiência na EMEI Montanha Russa nos provoca a seguir explorando caminhos para uma formação de professores mais integrada, colaborativa que reconheça a escola como espaço legítimo de produção de saberes e de formação permanente.

Palavras-chave: formação docente; extensão universitária; territórios educativos intersetoriais.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

Oficina de dramaturgia para pós-graduandos em arquitetura

GT: 2 – Narrativas e Formação de Professores

Brenda Muller Pousada

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
brenda.muller@acad.ufsm.br*

Charles de Almeida Ferreira

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
chprojetos.arquitetura@gmail.com*

Profa. Dra. Josicler Orbem Alberton

*UFSM, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo
josicler.alberton@ufsm.br*

O Núcleo de Estudos e Experimentações do curso de Pós-Graduação em Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo da UFSM, pesquisando as relações entre o processo de criação na arquitetura e no teatro de animação, sentiu a necessidade de criar dramaturgias para pequenos espetáculos de teatro de papel com o objetivo de elaborar um minicurso de cenografia. A oficina teve como propósito descobrir os temas, dentro do universo da arquitetura, que cada autor/aluno gostaria de desenvolver em seu trabalho. Ela foi dividida em cinco etapas: Etapa 1 - “A Arquitetura – Encontro com os afetos referentes à arquitetura”; Etapa 2 - “O Indivíduo – Revelação dos desejos pertencente ao autor/aluno”; Etapa 3 – “Tarefas de interligação cognitiva das etapas precedentes”; Etapa 4 – A História – “Identificação das preferências formais para a criação do espetáculo”; e, Etapa 5 – “Debate em grupo para a definição do tema dos espetáculos”. A Etapa 1 consistiu no preenchimento de respostas de seis perguntas que sondavam as preferências relacionadas à profissão dos autores/alunos em um quadro de apontamentos. A Etapa 2 solicitou o preenchimento de respostas em um quadro similar. Essas respostas foram referentes aos sonhos, metas ou desejos pessoais de cada um dos participantes. Na Etapa 3 foi solicitada a interligação das palavras dos dois quadros anteriores e a montagem de frases curtas que representassem as conexões dos desejos profissionais e pessoais dos participantes. Na Etapa 4 se retornou para um quadro análogo aos iniciais solicitando o preenchimento das formas de expressões desejadas pelos autores/alunos na criação de seus espetáculos. Por fim, a Etapa 5 consistiu em um debate sobre os exercícios anteriores onde cada um dos autores/alunos identificou entre suas aspirações profissionais, pessoais e preferências estéticas qual o tema escolhido para sua criação, dentro das preferências e desejos deste momento de suas vidas.

Palavras-chave: dramaturgia; arquitetura; teatro de animação



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

MEMÓRIAS QUE FICAM EM UM IMAGINÁRIO POÉTICO, SOLITÁRIO E DOCENTE: QUESTIONAMENTOS E INQUIETAÇÕES.

Eixo: GT 2 - Narrativas e Formação de Professores

Ângela Cristina Curcino Garcia
Universidade Federal de Santa Maria, Educação Especial
angelacurcino@gmail.com

Carla Tatiana Flores Carvalho
Universidade Federal de Santa Maria, Educação Especial
carla.carvalho@acad.ufsm.br

Orientadora: Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação
tania.miorando@ufsm.br

Por que precisamos começar sempre pelo começo? Quando se está de fato pronto para encerrar um ano letivo previsto? Partindo desse questionamento, se busca refletir sobre as questões que ficam ao final de um ano letivo, o que afeta e o afetivo na relação docente. As inquietações permeadas pelo processo da reprovação escolar nos servem como base para a aprovação das relações dentro dos espaços da escola. Como estão constituídos os tempos na escola e como podemos desconstituí-los de forma dialógica, para que dentro do imaginário social, a falta de tempo, a relação maturidade e tempo, a nostalgia e conflitos dos tempos, não sejam usados como justificativas para a reprovação? Para esses questionamentos se traz duas referências que permeiam a reflexão afetiva docente: Paulo Freire que nos remete à humanização do processo de ensino e aprendizagem e Juremir Machado da Silva, que dentro da perspectiva do Imaginário docente nos conduz à reflexão do que é instituído pelas relações escolares e o que de fato é vivenciado nas relações escolares. A transferência de inquietudes e sentimentos pessoais, assim como a relação que se faz entre a escola e a casa, o pessoal e o coletivo, o profissional e o ser humano, nos levam a questionamentos dos quais as relações docentes são pautadas por relações internas do professor. O querer ser pertencente, não é um querer apenas do aluno, é um querer também do professor. Em que imaginário social a reprovação se encaixa? Quem de fato está pronto para encerrar um ano letivo? Se não estamos prontos, por qual começo precisamos recomeçar?

Palavras-chave: Formação de Processadores; Imaginário Social; Processos Inclusivos na Educação.



8º OUVINDO COISAS: MEMÓRIAS PARA O FUTURO

DESAFIOS NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NOS PROCESSOS INCLUSIVOS EM SALA DE AULA

GT 2 - Imaginários, Narrativas e Formação de Professores

Joceane Santos Dornelles

*Universidade Federal de Santa Maria, acadêmica do curso de Matemática
Licenciatura*

joceanedornelles.17@gmail.com

Adriano Edo Neuenfeldt

*Escola Municipal do Campo de Ensino Fundamental Mascarenhas de Moraes - Polo,
SEME - São Gabriel/RS*

adrianoneuenfeldt@gmail.com

Paulo Henrique Vieira de Macedo

Universidade do Vale do Taquari, do Programa de Pós-Graduação em Ensino

paulo.macedo@universo.univates.br

Orientadora: Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Educação

tania.miorando@ufsm.br

Resumo: O quanto os professores em formação inicial, na fase final, do curso de Matemática Licenciatura estão ou não preparados para atender aos processos inclusivos em sala de aula? Esta provocação é resultante de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), na Matemática Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria. A investigação partiu da inquietação encontrada no período de estágio curricular obrigatório e objetivou verificar como os discentes relatam ou não a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais, nas aulas de Matemática. Olhamos os relatórios de Estágio Supervisionado de Matemática III - Anos Finais do Ensino Fundamental, considerando critérios delimitadores do campo de estudo. Investigamos 6 relatórios, 2 de 2022/1 e 4, de 2023/1, observando os estágios das turmas do diurno e noturno. Avaliamos a introdução, o desenvolvimento, bem como registros feitos em cada aula e a conclusão, com a finalidade de encontrar relatos sobre a presença de alunos com necessidades educacionais especiais em sala de aula. A análise dos dados levou a inferir que de 6 relatórios, em 4, foram constatados a presença de estudantes com necessidades educacionais especiais em sala de aula, com ênfase para Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). Nos outros 2 relatórios não há menção, o que inquietou e deu espaço para questionamentos. Houve um relato que durante as observações feitas por um



estagiário, de um aluno incluído, no entanto, foi a única menção, sem decorrer alguma prática ou novos registros no período de estágio. Por isso, questiono: Por que não há discussão sobre registros de adaptações feitas por este estagiário se o aluno estava presente? Teve alterações na turma que não foram relatadas? Essa ausência de informações abre espaço para debates. O que está em falta na formação inicial de professores de Matemática, em relação aos processos de inclusão?

Palavras-chave: Formação de Professores; Licenciatura em Matemática; Docência e Processos Inclusivos.